

morte e vida curitiba

morte e vida curitiba

larissa nicolosi

Expediente

ORIENTAÇÃO José Carlos Fernandes

PREFÁCIO Monique Portela

PROJETO GRÁFICO Bárbara Tanaka

FOTOGRAFIA Larissa Nicolosi e Paulo Berbeka

DETALHE DA CAPA Jeniffer Gutierres

Livro-reportagem produzido como requisito à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 2019

*Aos mortos e aos vivos,
aos que fazem e contam histórias.*

sumário

Prefácio 09

A respeito de passear no cemitério 13

A morte 29

As visitas guiadas 47

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula 69

Posfácio 97

prefácio

Um evento, uma passagem e, acima de tudo, uma certeza. A morte como produção discursiva só não se supera enquanto fato biológico. Podemos confabular à vontade, mas o discurso será pontuado. Aos ateus, o ponto final; aos que creem, a exclamação. Para nós, filhos do carbono e do amoníaco, a interrogação. A morte é o mistério, mas também o previsível; é do metafísico, mas também do carnal. Como ponto de convergência desta dualidade, lá está o cemitério — a duras penas construído, contra a vontade popular, fundamentado no discurso higienista de que a convivência entre vivos e mortos, até então sepultados nas igrejas, não era mais possível, devido aos riscos de doenças. E assim, com a ascensão da saúde como a deusa das sociedades modernas, fomos nos afastando, cada vez mais, da morte e dos mortos.

É sobre a materialidade da morte e de sua morada que Larissa Nicolosi constrói sua narrativa. E ela o faz ao caminhar pelas quadras da necrópole mais antiga da capital paranaense, o Cemitério São Francisco de Paula, que ganhou novo fôlego depois que a pesquisadora cemiterial Clarissa Grassi resolveu lapidar as histórias ali enterradas — trabalho que começou há mais de dez anos e a consagrou como a especialista no assunto. Neste livro-reportagem, as duas pesquisadoras se encontram, mas não só. Larissa encontra também o pedreiro, o zelador, as senhoras das floriculturas e outros personagens que fazem a vida pulsar na cidade dos mortos. Encontra, em uma rica bibliografia, os alicerces para criar as conexões entre a invenção dos cemitérios em diferentes culturas e na provinciana Curitiba. E o faz com muito humor e descontração, artifício que ajuda a quebrar o gelo frente a um assunto cercado de tabus e preconceitos.

A partir de suas experiências pessoais, que a fizeram muito cedo ter de lidar com a morte e suas implicações sensíveis, mas também burocráticas, a autora conduz uma narrativa desinibida. Em primeira pessoa, mescla suas percepções com dados, pesquisas e teorias acerca da construção social da morte. O tema, para alguns, é delicado; mas aqui o olhar é curioso e a linguagem, convidativa. Para a literatura, sua contribuição é entrar na sala dos caixões e nos mostrar cada um dos modelos disponíveis; apresentar o cemitério como uma cidade com os mesmos problemas de qualquer outra, como segurança e habitação; e, também, entender o que tem feito com que tantas pes-

soas saiam de casa para fazer turismo na parte mais silenciosa da cidade.

Aos que foram contemplados com mais um dia, boa leitura!

Monique Portela, primavera de 2019

a respeito de passear no cemitério

Num momento em que os velórios ficaram mais curtos, a cremação ganha espaço no mercado e a morte é cada vez mais ignorada, um fenômeno vem na contramão de todo o resto: cresce o número de pessoas que se ocupam em bater ponto no cemitério. As chamadas “visitas guiadas” oferecem um *tour* pelo local a fim de reafirmar que a cultura e a arte também têm ali sua morada. Cemitérios se tornaram protagonistas – o Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, entre eles. Além de o mais antigo – e o mais requintado da capital paranaense –, tornou-se também o mais frequentado por grupos. Só faltam tomar ali um chá da tarde.

13

A visita guiada acontece desde 2011, regularizando-se pelo menos duas vezes por mês depois de um tempo. Entrou para o calendário da cidade, tanto quanto o badalado coro de crianças

que cantam nas janelas do Palácio Avenida, a cada Natal. Os grupos são formados por pelo menos 40 interessados, que chegam cedo. O primeiro cemitério de Curitiba abre seus portões às 9 horas, junto com o horário marcado para a visita padrão ou temática. A visita noturna, trimestral, acontece às 19 horas. O cortejo é guiado pela pesquisadora cemiterial Clarissa Grassi, 42 anos, sem a qual não se conta essa história. Clarissa é a alma do negócio.

Na entrada, a guia faz uma pequena palestra sobre cultura da morte e nascimento dos cemitérios, de modo a ambientar os presentes. Mesmo para quem já fez a visita, a palavra de ordem é ouvir. O silêncio impera. Um ritual se repete: Clarissa pergunta quem está visitando o “São Francisco de Paula” pela primeira vez. Em meio às várias mãos levantadas, numa das visitas reportadas para este livro, em janeiro de 2019, se encontra um grupo de amigas. Tiveram de vencer um “medinho”, admitem, e até fizeram um pacto antes de chegar: “Ninguém solta a mão de ninguém” (risos). A frase ficou popular nas redes sociais após o descontentamento dos eleitores de esquerda com o pleito presidencial de 2018. Para incentivar ainda mais a não soltar a mão de ninguém, as meninas escolheram o turno da noite para sua “primeira vez” no cemitério. Mas o clima não é igual para todo mundo: tem quem entre na visita com espírito de aventura. Outros, para quebrar tabus.

O veterano da imprensa americana, Gay Talese, festejado por escrever perfis tanto de astros, como Frank Sinatra, como de desconhecidos, a exemplo dos operários que construíram a Ponte do Bronx, deixou um texto na medida certa para explicar o que acontece na mais importante cidade do seu país. O trabalho se chama “Nova York: a jornada de um serendipitoso” e integra a coletânea *Fama e anonimato*, publicada no Brasil em 2004. A tal jornada – produzida na primeira metade dos anos 1960 – é formada por cinco textos, sendo o primeiro deles “Nova York é uma cidade de coisas que passam despercebidas” ou “onde coisas estranhas acontecem”. A expressão vale para a Big Apple, mas, permitam, também serve para o Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Da bancada do Serviço Funerário Municipal – onde enlutados se debruçam para encaminhar o funeral – até a última quadra de túmulos, coisas curiosas acontecem. Se os visitantes não sabem disso, pelo menos suspeitam.

15

Dizia Talese em seu texto, que coincide com o caso do Cemitério:

“Nova York é uma cidade para excêntricos e uma central de pequenas curiosidades.”

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula abriga algo próximo de 95 mil mortos, de acordo com dados da própria secretaria do local e, também, das pesquisas de Clarissa Grassi. Equivale a aproximadamente um Maracanã lotado. Seja nos seus *tours* mensais ou numa conversa dos funcionários do cemitério, que não escondem a vontade de fazer uma festa no campo santo, como se dizia, a vida ali não para. Enquanto as floristas aguardam o próximo cliente, que varia de um casal apaixonado até uma família enlutada, Chiquinho, o gato de uma dessas vendedoras, se aproxima do grupo que aguarda a visita guiada, buscando um afago e, ao mesmo tempo, deixando o clima cômico por ser um felino preto num cemitério.

16

Em um momento de afastamento escapista com a morte e a persistente ideia de fingir que ela não existe, cada vez mais o número de visitantes cresce e o cemitério se torna turístico. Pode até soar estranho. É o que filósofos, como o francês Gilles Lipovetsky, chamam de bipolaridade de uma época, ou “era dos excessos”, como ele diz, parodiando a expressão famosa do historiador Eric Hobsbawm: estamos na era dos extremos. Estima-se que em um ano, mais de duas mil pessoas participem do passeio, cerca de 200 por mês. No primeiro ano de visitação, 2011, o número foi de 102 inscritos, com crescimento de quase 2000% até 2019 e procura mais acentuada a partir de 2016, quando o programa de visitação foi incluído na gestão do prefeito Rafael Greca de Macedo, eleito naquele mesmo ano.

Frequentar as visitas guiadas ao cemitério é um experimento social. Contar que faz parte do grupo, também. Na devida proporção, equivale a se dizer membro de uma expedição amazônica. Ouve-se de tudo, desde comentários repletos de curiosidade até os mais negativos. Nessas horas, frequentadores e não frequentadores de cemitérios, em circunstâncias comuns, verbalizam o medo do desconhecido e colocam para fora todas as arestas do tema. São argumentos do tipo “cemitério não é lugar de passeio”, “cemitério bom é o cemitério-parque, afinal, nem parece um cemitério”. Velar alguém por horas a fio, assim como nos séculos passados, parece balela e mórbido para alguns. Atual mesmo é sumir com o corpo e manter o velório nas redes sociais, um textinho ali, uma foto acolá. A memória pode ser perpétua, já que “a morte não é nada”, tal qual diz o texto de Santo Agostinho. Escolher o revestimento da morada eterna? Nem pensar, “não fala disso aqui dentro de casa, menino”. Seguido de um “tira essa roupa inteira e coloca para lavar. Não quero terra de cemitério aqui dentro de casa”. E olha que nem terra tem mais nos cemitérios tradicionais.

17

Em miúdos, visitar o “São Francisco” pelas mãos de Clarissa Grassi é uma forma indireta de visitar o proibitivo tema da morte. O assunto aparece despistado na arquitetura dos túmulos, nos *faits divers* sobre alguns dos sepultados. O medo da morte e do destino pode dar lugar a outra perspectiva quando, no mundo inteiro, os espaços mortuários promovem um olhar que ressalta a arquitetura, história e cultura de uma cidade. A vida passa pelas ruas, pelos bairros, monumentos, praças. Passa pelos cemitérios.

O projeto das visitas guiadas em Curitiba acontece há pelo menos sete anos. Estima-se que nesse tempo, mais de 10 mil pessoas se interessaram em ouvir, *in loco*, histórias sobre Maria Bueno, a mi-lagreira “oficial” dos curitibanos, uma lavadeira assassinada no fi-nal do século 19; e sobre a pirâmide amarela da Família Glasser, as-sim chamado um dos túmulos mais excêntricos do conjunto. Em 2019, o cemitério completa 165 anos e, de presente, seu processo de tombamento está a todo vapor; estima-se que até 2021 o festejo se complete com a finalização do parecer que destaca os túmulos que devem ser tombados pelo Patrimônio Histórico Municipal.

18

Enquanto isso, tal como em Nova York, a cidade onde coisas estranhas acontecem, encostado no muro, seu Sebastião da Silva, o pedreiro mais antigo do cemitério, volta de mais um enterro bem sucedido. Ele senta com os outros funcionários e conta das grandes viagens que já fez com seu Uninho, Brasil afora. Lá em-baixo, o silêncio respeita as famílias que estão fazendo uma Ficha de Acompanhamento Funeral. Nos arredores, as funerárias, abun-dantes na vizinhança, aguardam para saber de quem é a vez (em Curitiba, o sistema é por rodízio), skatistas fazem suas manobras na Pista do Gaúcho e o melhor Pão com Bolinho da cidade espera os clientes no Bar do Pudim – espaços famosos de Curitiba, instalados ao lado do “São Francisco”. A vida não para, com perdão do clichê. Algumas quadras ladeira abaixo, permanece a todo vapor um dos *points* mais conhecidos e movimentados dos jovens da capi-tal paranaense. O Largo da Ordem também abriga um cadáver

ou outro embaixo das suas centenárias igrejinhas, mas não é todo mundo que sabe disso ou, ao menos, que sabe e fica sereno com a informação. As religiões se misturam no pequeno Centro Histórico, cada uma com sua perspectiva sobre o depois e com a mesma certeza: todo mundo vai morrer. No coração de Curitiba se encontram inclusive templos católicos neocoloniais. Segundo o censo do IBGE de 2010, o catolicismo representa a fé de cerca de 60% da população curitibana, seguido pelos evangélicos com 20% e os espíritas, com quase 3%. Além das religiões citadas, o bairro São Francisco também acolhe a colorida Sociedade Hare Krishna, com o hinduísmo; e a turística Mesquita Iman Ali Ibn Abi Tálib, além de duas igrejas luteranas, confissão marcante na histórica da capital paranaense – sendo que numa delas parte do culto ainda é em alemão. A finitude da vida não é segredo para nenhuma das crenças.

19

Se tem medo disso ou não, responda com clareza: o medo é da morte ou do cemitério? Você acredita que sejamos como os zumbis de *Thriller* do Rei do Pop Michael Jackson ou mais para Sam Wheat do aclamado drama *Ghost: do outro lado da vida*? Para quem trabalha no cemitério, não passamos de um fantasminha camarada que fica quietinho (ainda bem).

O passeio já começou.

Morte e vida, Curitiba: um passeio no cemitério público mais antigo da capital paranaense

A história da cidade de Curitiba se mistura com a de seus mortos. Os 165 anos de história do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, comemorados em 2019, guardam muitas memórias embaixo de 5.743 túmulos, que servem de “morada eterna”, com se diz na piedade popular, para mais de 95 mil mortos. Num momento em que a morte apavora – por sua violência ou por contradizer o hedonismo contemporâneo – e é cada vez mais escondida, um fenômeno vem em sentido contrário: as visitas guiadas, que, com condução de Clarissa Grassi, viraram atrações turísticas e uma aula a céu aberto.

20

Quando Clarissa caminhava pelo silêncio dos cemitérios, isso antes de pensar em ser pesquisadora, se sentia tão curiosa quanto os que se inscrevem para as visitas guiadas que ela ministra. Logo que a pesquisadora começou as visitas, em 2011, levou 102 curiosos para o passeio. Desde esse ano até julho de 2019, foram 10.031 participantes.

No começo, as visitas eram voluntárias. Clarissa não ganhava nada por elas, mas tinha a oportunidade de repassar o conhecimento que acumulou sobre o local e descobrir sobre seu público visitante. Somente em 2016, com a eleição do prefeito Rafael Greca de Macedo (DEM), a proposta foi implantada oficialmente no calendário da cidade, junto à Fundação Cultural de Curitiba (FCC), o equivalente local às secretarias de cultura. Foi quando a atração caiu no gosto de grupos, famílias e soli-

tários, sem distinção: mais de mil pessoas anualmente passaram a conhecer o cemitério não apenas por ocasião do Dia de Finados, mas ao longo do ano de forma diferenciada, lúdica e cultural. Pelo menos duas vezes por mês acontecem as visitas-padrão, aos sábados de manhã, com três horas de duração. A cada trimestre, coincidindo com outubro, o mês do *Halloween*, ocorrem as visitas noturnas, com três turmas para atender à grande demanda.

As visitas consistem em duas partes: a primeira é uma pequena palestra de uma hora em que Grassi comenta sobre a criação dos cemitérios, sobretudo do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Trata, em paralelo, dos diferentes sentidos que permeiam a relação da sociedade com a morte. Ela é clara quando questionada sobre a importância da conversa inicial com os visitantes.

21

– Não faz sentido entrar ali e não saber a importância do cemitério e um pouco do que há por trás da história desses espaços.

O avanço das visitas guiadas é um fenômeno contra a maré. Há um tabu ancestral ligado à morte e, por consequência, à prática de fingir que ela não existe. Exemplo clássico é o pavor do morto e do cemitério, o medo constante de a figura assustadora, retratada como uma caveira de capuz preto e foice, chegar e acabar com a vida. Se a ideia de andar num cemitério em rituais fúnebres pode ser repulsiva, a de passear por ali, sem a desculpa de estar num cortejo, corria o risco de ser encarada com nariz torcido. Mas se deu o contrário: as visitas guiadas

pelo Cemitério Municipal São Francisco de Paula tiveram uma adesão positiva que cresce ano após ano, com previsão de fechar 2019 com pelo menos 2,5 mil participantes.

Quem integra o *tour* confere de perto a história de cada rua do “Municipal”. A trajetória de Ildefonso Pereira Correia, o barão do Serro Azul (1849-1894), por exemplo, ajuda a nutrir a memória política da capital paranaense; o túmulo de Victor Ferreira do Amaral (1862-1953), médico e político, é essencial para entender o nascimento da primeira universidade do país, a Universidade Federal do Paraná, em 1912, já que Amaral foi o fundador da instituição. Isso para citar dois, pois também se tem artistas, arquitetos, pesquisadores e pioneiros na lista dos falecidos. Por ser o primeiro cemitério público de Curitiba, fundado em 1854, o local guarda quem colaborou no crescimento da cidade, década após década.

22

Os grupos geralmente são compostos por mais de 40 pessoas, de idades variadas, pendendo mais para a faixa dos 21 a 40 anos. Para entender o que motiva as inscrições e as impressões dos participantes, duas pesquisas foram realizadas entre março e abril de 2019, contando com 308 respostas (ver capítulo “o que te traz ao cemitério?”). O motivo para fazer a visita é, principalmente, a curiosidade. Junto dela vem o incentivo de quem já foi e indicou para os outros.

Quem vai, costuma voltar e, se não pode revisitar, indica para quem ainda não foi. Outro ponto interessante é que apenas três respostas das 308 indicaram que o impacto da visita foi abaixo de 5, numa escala de 1 a 10.

A satisfação das visitas é comprovada, além da pesquisa, com a salva de palmas no final de cada encontro, além de, claro, o sintoma da procura alta, mesmo para conseguir uma vaga nas visitas-padrão. As noturnas são as mais populares, com esgotamento das três turmas em menos de três minutos, via inscrição na internet. As temáticas acontecem no formato matutino, assim como a padrão, sempre aos sábados; essas e as visitas comuns esgotam mais lentamente. Não há uma regra, mas esgotam antes que o *tour* aconteça. A confirmação de vagas se dá por e-mail. Além disso, cada visita é marcada por uma foto no final, no túmulo escolhido pelo grupo, e postada na página oficial da visitação e também no perfil pessoal da guia Clarissa Grassi.

O cemitério não é só dos mortos

23

A palavra “necrópole”, usada pelos pesquisadores de arte cimiterial e historiadores do ramo, pode ser usada para definir o Cemitério Municipal São Francisco de Paula. A denominação grega significa “cidade dos mortos”. Mas não só de mortos vive a cidade localizada no coração do antigo bairro São Francisco, em Curitiba. Os funcionários também são parte importante para que tudo aconteça corretamente por ali.

Durante as pesquisas para este livro, foi possível acompanhar a rotina do Serviço Funerário Municipal, responsável pelos trâmites de sepultamento na capital. O silêncio respeitoso pelas famílias enlutadas dá lugar também às piadas rotineiras dos trabalhadores, nos bastidores. O operariado do “Municipal”

classifica o emprego como tranquilo, “já que a clientela não incomoda”, mas não nega que teve de se acostumar com casos sensíveis com os quais se deparou e com a própria morte.

Subindo as escadas que começam na Rua João Manoel, vê-se o portal de entrada do cemitério, na Praça Padre João Sotto Maior. Ao lado, floriculturas e as capelas para velório. Inês de Jesus e Maria Ferreira, mulheres na casa dos 50 e 60 anos. Dali de cima, onde se encontram os quiosques de flores, elas podem acompanhar tudo o que acontece no lado de fora. Comentam a queda das vendas. “O movimento caiu”, dizem, por causa da autorização dos mercados em vender flores, e com a praticidade das flores de plástico, adotadas em massa depois das campanhas contra a dengue e o *zika* vírus. Vaso de flor virou sinônimo de água parada.

24

Dentro, os pedreiros e zeladores não perdem um bom papo. O mais antigo deles, Sebastião da Silva, está no “São Francisco de Paula” há mais de 50 anos e sabe reconhecer de longe os olhares perdidos. Indica as quadras para os visitantes e aproveita a deixa para conversar. Detalhe: quando os funcionários são questionados sobre o cemitério, a primeira resposta é única entre eles: “Já falou com a Clarissa?”

Clarissa Grassi é uma peça importante do local. Virou figurinha registrada do primeiro cemitério público de Curitiba. Há o antes e o depois dela. Simplesmente, aconteceu. A relações públicas e pesquisadora cemiterial e de arte tumular é agora diretora do Departamento de Serviços Especiais da Prefeitura. Até pouco tempo, era uma voluntária que conduzia grupos por

ruelas cercadas de jazigos por todos os lados. Para ela, a nova função é o fechamento de um ciclo, algo que nunca imaginou, mas que ao mesmo tempo a enche de alegria. Seu interesse por cemitérios veio desde criança, já que neles encontrava um sossego que não via na cidade.

Questionada sobre as visitas guiadas, agora espremidas com o aumento das responsabilidades na prefeitura, Grassi afirma que não pretende parar e seguirá normalmente. A rotina dela é cheia, em especial com o processo de tombamento do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. O trâmite contempla túmulos que servem de referência histórica, arquitetônica e cultural para Curitiba. Clarissa conta a importância do projeto.

– Além de proteger essas construções de possíveis demolições, o tombamento é uma maneira de mostrar o que significam para a cidade. Todos os túmulos ali contam alguma história.

O processo tem previsão de término em 2021. As visitas continuam e há um projeto de visitação para o Cemitério Municipal Água Verde, também longo, perto do Centro, na antiga colônia dos italianos no Paraná.

O fenômeno das visitas não é único, visto que outras cidades do Brasil aderiram à moda do passeio, como São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Pelo mundo, cemitérios mais antigos como os franceses Père-Lachaise e Inocentes e o argentino Recoleta também atraem olhares e visitantes.

Enquanto isso, a “cidade dos mortos” curitibana vai ganhando seu espaço como atração turística e continua a fluir

normalmente. Ali, todo mundo conta alguma coisa, mesmo no silêncio. E assim os capítulos da história continuam sendo escritos, seja a partir dos mortos, seja a partir dos vivos.

a morte

a primeira morte é muito difícil
depois habituamo-nos
a morrer

29

Tiago Araújo, no livro *Livre arbítrio*

Quando Emerson Romanel conheceu sua mulher, Andrea, resolveu fazer um teste: disse para ela que trabalhava higienizando os mortos, “cortando até a unha, se necessário”, no Cemitério Municipal São Francisco de Paula. A moça, firme e forte, continuou o relacionamento, mas com estranheza diante do trabalho pouco usual do paquera. O namoro deu certo e Emerson, que na época era, na verdade, atendente de famílias no Serviço Funerário Municipal, quase esqueceu de contar a verdade. Quando o fez, ela deu aquele suspiro aliviado. “Era para ver se

ela me amava mesmo”, conta o flamenguista, rindo. Ele é conhecido como o dono das melhores piadas no departamento.

Nem sempre “lidar com a morte” encontrou essa recepção pouco calorosa e os mortos, digamos, já foram muito bem aceitos na esfera pública. Talvez Andrea não ficasse tão assustada se o relacionamento com Emerson tivesse começado antes de Cristo, quando o corpo continuava sendo cuidado por uma motivação elementar: guardava uma alma imortal. As noções de morte dos indivíduos mudam conforme as crenças do momento e as formas de se relacionar com os outros, além de fatores externos, como surtos de doenças que assolam a população.

30

O historiador cubano-americano Carlos Eire, estudioso de como se formou a ideia de eternidade e os discursos religiosos e filosóficos em torno da pós-morte, diz em sua obra *Uma Breve História da Eternidade* que o anjo da morte é o maior *workaholic* que existe. Baseia-se no dado de que em 2010, cerca de 150 mil pessoas morriam diariamente no planeta. Pode-se afirmar que, dessa galera, pelo menos 46 são de Curitiba, dias mais, dias menos.

Os trâmites sobre o que fazer com cada corpo sem vida tem ligação direta com a maneira como a morte é enfrentada. Na Antiguidade, era supercomum colocar o morto no quintal e tratá-lo como se ainda fosse de casa, alimentando-o e oferecendo utensílios cotidianos – um travesseiro, por exemplo. Gregos e romanos faziam altares para que a alma daquele que faleceu permanecesse “de bem com a vida”. Esses e outros costumes para agradar eram feitos por temor de que quem morreu

voltasse para incomodar; ou que trouxesse fluidos ruins para a família. Tratava-se de uma via de mão dupla: os vivos ajudavam os mortos e vice e versa.

Em meio ao cipoal de culturas funerárias regionais, praticadas de maneira diferente em tempos e lugares mais diversos, deve-se destacar que em 450 a.C, a Lei das Doze Tábuas causou em Roma. Foi um marco dessa longuíssima história, impossível de ser contada numa única noite de luar. Colocou os mortos para fora dos muros das cidades, regulamentando como enterrar e como se comportar diante da morte. A nova legislação trazia uma noção bem peculiar de convivência social. Deixavam de ser bem-vistos os costumes de aproximação com o corpo morto, o endeusamento e mesmo o luto sensível. Foi apenas com a ascensão do cristianismo que os corpos dos mortos pu-

31

deram voltar ao convívio, junto com os discursos efusivos sobre a salvação das almas e a remissão dos pecados, temas que todo mundo que frequentou o catecismo um dia ouviu falar.

A partir do alvorecer do cristianismo, pode-se dizer que a morte se tornou pública. Nem sempre com muita delicadeza, deve-se lembrar. Basta recordar que na Idade Média se praticavam enforcamentos em praças e que gladiadores barbarizando na arena eram o barato da população. O historiador francês Philippe Ariès (1914-1984), cuja produção é a base de vários estudos sobre a cultura da morte, deixa claro que, apesar dessa proximidade com a “Dona Morte”, no período medieval, a relação de indiferença permanecia forte. A manifestação mais dolorosa, cheia de pesares, podia ser encontrada com forte apelo nos cultos cristãos.

A perspectiva de Céu e Inferno vem com o cristianismo. A religião se estabeleceu em Roma depois de muita briga no Império Romano, vez que os cristãos eram vistos como subversivos, por adorarem outra figura, Jesus, e não o imperador, os césares. Os adoradores poderiam até ser devorados nas arenas por feras, como castigo, dando origem à imensa e heroica galeria dos Santos e Mártires da Igreja Primitiva – mulheres como Cecília, Águeda, Luzia e Apolônia; homens como Lourenço, Cosme e Damião, protagonistas de mortes por fritura, perfuração de olhos, corte de seios e demais atrocidades. Mesmo com perseguições sanguinárias, tortura e intolerância, o cristianismo cresceu e, vendo isso, o imperador Constantino I usou o fato a seu favor, no ano de 321, mandou tocar sinos e se fortaleceu em meio à crise do império. Assim surgiu o Édito de Constantino, que tornou o cristianismo dominante em Roma. Por fim, foi sacramentado em 391 como religião oficial de lá, por meio do Edito de Tessalônica.

Preexistente ao cristianismo, o conceito de lugar *post mortem* e o mérito necessário para frequentá-lo, ganhou força no século 14, com o advento da Peste Negra. A doença em larga escala foi responsável por assolar um terço da população europeia a partir de 1347, momento em que houve um distanciamento com os enterros e rituais fúnebres. O médico e escritor brasileiro Moacyr Scliar (1937-2011), estudioso que retratou a melancolia na trajetória da sociedade, trata do assunto no ensaio *Saturno nos trópicos*. Conta que “ninguém chorava pelos mortos, porque todos esperavam morrer”. A doença marcou um momento de

ruptura com a naturalidade da morte, porque a experiência dela se mostrava assustadora para os sobreviventes, dando espaço, também, para a disseminação da depressão social. O medo de morrer em decorrência da doença fez com que se agravasse o apego a Deus e à religião.

Em relação aos muitos milênios de culto aos mortos, o período cristão pode até não levar vantagem temporal, mas com certeza leva vantagem simbólica. Imagine aquela cena do quadro¹ que estampa os últimos momentos do imperador dom Pedro I, então d. Pedro IV, rei de Portugal: pelo menos dez pessoas – contando o padre, reunidos em volta do moribundo, todos aguardando piedosamente o final da história. Era bem assim e, para incrementar, tinha criança correndo para tudo quanto era lado, um pessoal que às vezes nem conhecia o coitado que estava morrendo e todos os sacramentos possíveis. Esses ritos eram indispensáveis para garantir, pelo menos, a remissão de pecados, e, por consequência, merecimento celeste ao moribundo, não esquecendo que o Purgatório também era uma opção e, na pior das hipóteses, o Inferno.

Nesse mesmo momento, os chamados enterros *ad sanctos*, feitos nas igrejas, eram sepultamentos populares de gente virtuosa, que ainda contavam com ritos específicos para salvação de almas e um famoso “jeitinho” que o dinheiro poderia comprar.

¹ “A morte de D. Pedro IV”, de Nicolas-Eustache Maurin. Paris, França, 1836.

Com os enterros *ad sanctos*, as igrejas começaram a ficar cada vez mais lotadas de cadáveres, em especial nos séculos 18 e 19. No Brasil, não foi diferente; em Curitiba, muito menos. O culto aqui também contava com uma preparação suntuosa, digna do enterro mais célebre do cinema, o do filme *Imitação da vida*, de Douglas Sirk, muitas vezes idealizada pelo interessado, em vida. Na capital paranaense, as igrejas centrais e no alto do bairro São Francisco concentravam os funerais, baseando-se também na irmandade à qual pertencia. As irmandades eram agremiações, principalmente católicas, que cuidavam dos funerais e apoio aos familiares; por elas, era possível saber de qual classe social era o indivíduo, com separações de raça e financeiras bem especificadas em cada irmandade. Falaremos melhor sobre elas a diante. Mas, a grosso modo, equivaliam a dizer se o sujeito era sócio do seleta Clube Curitibano ou do Sergipe F.C, no lado pobre do bairro Parolin.

A espera pela morte era curiosa. Além do que se ordenava normalmente no testamento do morto, ficava claro quantas missas seriam feitas em prol daquela alma, quantidade de padres, velas e, até mesmo, o local da igreja em que gostaria de ser sepultado. Se fosse consciente o suficiente dos seus erros em vida, poderia pedir para ser enterrado bem na entrada, para todo o povo pisar no túmulo, como forma de remissão. Dramático, mas compreensível naquele contexto. A esperança junto da esperteza poderia ser uma virtude e render um enterro bem pertinho do altar, o mais próximo dos santos, afinal, todo cuidado para ganhar o céu é pouco. A eternidade, sabe-se, dura um tempão – que seja num bom lugar.

Para tratar da morte, é necessário fazer recortes históricos para mostrar as idas e vindas desse assunto na sociedade. Ao reparar nos vaivém que faz durante os séculos, até chegar no período mais atual da história, vê-se o quanto os fatores como religião, medo e saúde influenciaram em todo o imaginário da população. E é assim que entramos no final do século 17 e início do século 18, quando as discussões sobre saúde pública ganharam ênfase na Europa.

Emergiu nesse momento a percepção de que não estava dando muito certo deixar os cadáveres em decomposição nos pisos das igrejas. Logo, médicos, arquitetos e padres começaram a repensar a higiene e os novos métodos de sepultamento. Os chamados “miasmas” que saíam dos corpos em decomposição eram o fator principal; nas valas comuns das igrejas mais de mil cadáveres podiam estar sepultados, até o local ficar cheio e outra vala ter de ser aberta, como observa o filósofo José Luiz de Souza Maranhão, na obra *O que é morte*. Acreditava-se que os miasmas poderiam repassar doenças, informação que trazia repulsa por este tipo de sepultamento em local de grande movimentação social, como eram as igrejas católicas. A convivência entre vivos e mortos começou a ficar inviável, ainda mais pelo cheiro desagradável, que deixa de ser encarado com normalidade. Imaginem assistir a uma missa no verão brasileiro. Alguma providência teve de ser tomada, mas não foi todo mundo que aceitou a ideia.

Não se pensa a morte, nem se entende o período higienista sem uma dose de imaginação. O mundo *post mortem* era fan-

tasiado com as perspectivas de céu e inferno e como seria a vida eterna para quem “morreu nessa vida, mas renasceu na outra”. Quando as preocupações com saúde pública motivaram a criação dos cemitérios, a população não gostou da ideia, justamente porque o cemitério não era visto no mesmo grau de santidade que a Igreja, logo, a salvação da alma não seria possível. O movimento higienista consistia em repensar a saúde e a salubridade da população, visto que era necessário criar uma forma de combater as epidemias. Um dos hábitos que precisaram ser repensados foi o enterro dos mortos. Um estudo sobre locais apropriados, tamanho de covas e medidas para dispersão correta e segura dos fluídos teve que ser feito.

36

O historiador Marcelo Sutil, Coordenador de Pesquisas Históricas da Fundação Cultural de Curitiba em 2019, referênciava em memória e arquitetura urbana, ajuda. Com voz calma e espaçada, conta que no Brasil o higienismo veio por, além de tudo, prevenção. Os cemitérios foram afastados e essa medida coincide com um período em que começou a se pensar na cidade. Pelo crescimento que registrou, a urbe em si foi encarada como patologia no século 18.

— No século 19 foram iniciadas buscas para curar essa patologia, mas não podemos esquecer que isso foi num âmbito europeu, e aqui no Brasil o pensamento foi de “vamos evitar que aconteça aqui o que aconteceu lá fora”.

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula é o primeiro da capital paranaense, público e montado nos ideais higienistas. Foi construído num ponto alto, no bairro São Francisco,

porque se acreditava que o regime de ventos da região era bom o suficiente para dispersar os miasmas dos mortos.

Morra, cemitério

O higienismo despachou novamente os mortos para fora das cidades. A discussão sobre novas formas de sepultamento demorou um pouco para chegar no Brasil, dando-se apenas no século 19. Mesmo com Carta Régia de 1801, proibindo enterros em igrejas, foram necessários mais de 35 anos para o primeiro cemitério público no Brasil ser criado: em 1836 surge o Cemitério Campo Santo, de Salvador, Bahia, cuja recepção, com o perdão do trocadilho, foi repleta de frieza. O sepultamento no templo ainda tinha um sentido redentor, e os moradores não gostaram da ideia de abrir mão da salvação da sua alma em razão da nova ordem. Depois de irem ao Palácio do Presidente da Província tirar satisfação, o grupo de descontentes soteropolitanos foi até o cemitério e depredou tudo com paus e pedras aos gritos de “Morra, cemitério”.

37

Não resolveu muito. Os baianos tiveram que dar o braço a torcer e colaborar com os enterros. Em breve seriam inaugurados também o Cemitério Nossa Senhora do Desterro, em Florianópolis, Santa Catarina; e o Cemitério de Santo Amaro, em Recife, Pernambuco, ambos em 1841. Foi seguido do Cemitério da Santa Casa em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; o Cemitério da Consolação, em São Paulo, e o São Francisco de Paula, em Curitiba, em 1854.

A criança

A morte passou a ser escondida novamente no século 20, após os cemitérios estarem consolidados como espaços comuns de qualquer cidade. O moribundo vai para o hospital, e ali fica sozinho, diferente do quadro citado que mostra os últimos momentos de dom Pedro I. Antes disso, a morte era cercada de pessoas, até desconhecidas, sem descartar as crianças, que não eram escondidas do fato. Até eram estimuladas a tocar a mão fria dos mortos, debaixo do véu que os cobria, e olhar o algodão nas narinas, a faixa branca que amarrava os queixos.

38

A ideia de alma e “fantasma” que perambulam por aí não ficou de fora em nenhuma das épocas. Sempre se nutriu algum medo que não deixava o pessoal em paz, independente do momento histórico. Como visto, no começo o medo era do falecido fazer um auê na vida de quem ficou; depois o de ir para o inferno; seguido do da peste, voltando para ameaças sacras e chegando no hoje, que é um misto de medos, por assim dizer.

Soa quase antinatural levar uma criança para algum ritual fúnebre. Muitos autores concordam que uma inversão foi realizada nesse tempo: antes, sexo não era um tema que entrava nas casas, enquanto a morte era comum. Hoje, considera-se o contrário. Resolvi ver como se dava essa lógica no meu grupo de conhecidos. A arma, o Instagram. Numa pesquisa rápida com os seguidores, metade das 178 respondeu que tinha costume na infância de visitar cemitérios com pessoas mais velhas.

Uma pesquisa semelhante foi realizada com o público que frequenta as visitas guiadas no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, com várias respostas indicando que a relação com cemitérios veio lá da infância. Algo curioso é que um número mínimo de respondentes continua com o costume de visitar. Dá-se a entender que o cemitério não é mais um local de visita rotineira.

Uma das funcionárias, Tatiana Maeyama, demorou cerca de dois meses para entrar no “Municipal”, e olha que já estava empregada. Mas ela não sabe explicar direito o que a assustava, sendo que quando criança costumava brincar sempre no cemitério da sua cidade natal. A “Indesejada das Gentes”, como nomeou Manuel Bandeira, pode ter uma razão para apavorar tanto: o seu mistério. É difícil pensar na morte, no depois, se é que ele existe. É um tema que traz milhares de questionamentos e uma tentativa recorrente de recalque. Não à toa é comum aparecer alguém no velório, dar dois tapinhas nas costas de outra pessoa e dizer: “Olha só como a gente não é nada”, dando a entender que, por mais que esqueçamos, estamos propícios a alcançar esse lugar de nada.

39

O protocolo atual do morrer

O dia em que a minha família resolveu fazer um plano funeral foi inesquecível. Com a suspeita de que logo o avô faleceria, pelo coração que dava sinais de cansaço, o primeiro comercial de luto-não-sei-o-quê foi tiro e queda. Eis que chega o

representante na casa, explica o que está contido em cada plano e nem sequer um barulho era feito entre os presentes. Chega uma hora em que é necessário colocar o nome das 12 pessoas que irão fazer parte do seguro. Parecia que cada nome mandava alguém para a força. Ninguém queria falar e, claro, ninguém colocou as crianças na lista. Aí todo mês o carnê chega pelo Correio e a famosa ligação ou mensagem acontece: “Hein, fulano, tudo bem? É que, assim, falta a sua parte para pagar aquele esquema lá, sabe? É... o carnê”. Qualquer um de fora poderia pensar que é um esquema de crime ou tráfico, facilmente. Mas não, é só o carnê do plano funeral.

40

O sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) destrincha em seu livro *A solidão dos moribundos* como é o morrer a partir do século 20 e o costume seguido até hoje, século 21. Ele usa a frase “a morte do outro lembra a minha” para definir a visão atual da morte e uma das razões que a torna assustadora. Depois de passarmos pela morte domada – segundo Ariès –, pública e com ares de evento, ela se recolhe. O doente é conduzido ao hospital, sua doença e sua morte são assépticas, fora da vida pública, muitas vezes numa UTI somente, na presença do médico e olhe lá. Morre-se sem ter ao nosso lado ninguém que conhecemos.

Depois que a morte é atestada, o falecido passa pela funerária, na lida com funcionários que vão limpar e embalsamar o corpo para o velório. No caixão, a melhor ideia é a de que pareça estar dormindo e o mais próximo da calma e da vida possível. Isso lembra a fotografia *post mortem* nascida na Era

Vitoriana, em que os falecidos eram fotografados em posições naturais, junto de familiares ou outros cenários, sendo um dos sintomas dessa cultura a negação da morte. Não longe de tal conceito, há funerárias no mundo que seguem um modelo em que o morto é colocado nas suas situações rotineiras, como aconteceu com um jovem nos Estados Unidos que foi velado posicionado assistindo a um jogo na televisão, com suas roupas típicas e até *snacks* ao lado. Em contrapartida, o caso anterior é raro. O velório em casa não é mais tão comum, afinal, a morte assusta e consegue atingir o caráter selvagem que Ariès avisava que ia chegar. O enredo da novela *A Morte e a morte de Quincas Berro D'Água* (1961), de Jorge Amado, jamais aconteceria atualmente. Lembrando que nessa história, o morto é carregado pelos amigos para uma noitada com direito a bebedeira e farra.

41

A antropóloga aposentada pela Universidade Federal do Paraná, referência em ritos e religião, Sandra Stoll, fala da negação da morte no século 21. Mesmo o fato não sendo novo, a maneira de representar a memória, atualmente, é. Como se a memória, convertida em uma espécie de velório duradouro, fosse uma tentativa de continuar mantendo algo vivo de quem morreu.

– É uma forma de manter os mortos ativos, nem que seja na *web*. Exemplos disso são *blogs* ou diários de pessoas que faleceram, ou o ato de acender velas pelos mortos em *sites* virtuais...

Os perfis de Facebook que viram memoriais também entram na dança. Isso sem contar os textos feitos para contar sobre o processo de luto dos indivíduos. Lembrança, consolo, re-

volta, protesto. Não há palavra que define genericamente essas atitudes contemporâneas.

É aquela frase típica: “Quero lembrar de fulano com vida, bem. Não morto.”

A sala dos caixões

42 Enquanto isso, o Serviço Funerário Municipal, em Curitiba, continua trabalhando incessantemente, 24 horas por dia, sete dias por semana. Cada caso é recepcionado com as informações básicas de liberação de corpo, velório e sepultamento, junto com uma lista de passos e valores tabelados de produtos que a família pode optar em comprar. Os funcionários concordam: quem chega lá, não sabe por onde começar, justamente porque não busca se informar antes. Pensando bem, quem conhecemos que vai dar um rolê no Serviço Funerário Municipal e pedir um tutorial de procedimentos? O problema da falta de informação é que gastos exorbitantes podem ser feitos no momento de fragilidade emocional. Ninguém é obrigado a ornamentar nada, nem pagar qualquer taxa além da urna e do enterro, mas, na hora da emoção, todo e qualquer serviço parece necessário. E lá se vai a grana.

Um dos papéis recebidos quando se vai ao Serviço Funerário é uma ficha indicando o que o consumidor tem dever de adquirir e o que é facultativo. O caixão, preparação do corpo, montagem de velório e transporte são obrigatórios, com custo tabelado e que as funerárias têm obrigação de cumprir. Após

dar entrada no processo do funeral, a família precisa escolher o caixão do morto, ali mesmo, no Serviço Funerário. Há uma sala com pelo menos 15 modelos, para todos os gostos; assemelha-se a um grande mostruário de loja de móveis. O valor começa em R\$ 200 e vai até R\$ 23 mil, incluindo caixões infantis; ao escolher, a funerária que está na vez precisa fornecer a urna igual ou semelhante a escolhida, no valor tabelado. O mesmo vale para alguns dos serviços facultativos, que o consumidor não é obrigado a adquirir; ornamentação da urna (com crisântemos), véu em tule, maquiagem necrófila e toalete são serviços com valores marcados. Há serviços que não são acompanhados de preços tabelados e cuja negociação se dá direto com a funerária. Emerson Romanel diz que há confusão nessa hora, principalmente com a definição dos produtos. Ele explica enquanto arruma a tampa de um dos caixões.

43

– Há quem confunda que nos serviços oferecidos a tanatopraxia, por exemplo, faz parte do pacote. Tem um custo.

A tanatopraxia é uma técnica de conservação do corpo que pode permitir longos velórios. Consiste na retirada dos líquidos e fluidos naturais do corpo, como o sangue, e inserção de produtos químicos que preservam a aparência do morto. Este é um dos serviços que não possui valor tabelado e deve ser resolvido junto da funerária. É normal que as pessoas confundam com o toalete, que consiste na lavagem do corpo, um “banho” simples, com direito a cabelo e barba feitos.

Há também a possibilidade do funeral gratuito. Para tanto, a família carente precisa comprovar que não há condições de

pagar pelo velório e sepultamento e que o falecido não possuía bens para bancar os serviços. Se comprovado, concede-se o direito a um funeral simples, sendo o valor do pedreiro o único a ser desembolsado.

Depois que assumiu a direção do Departamento de Serviços Especiais da Prefeitura, Clarissa Grassi passou a dar uma palhinha no início das visitas guiadas sobre a necessidade de conhecer os processos e, quando dá tempo, até sobre a sala dos caixões. Ela até convida para uma visita, qualquer dia, caso alguém se interesse.

44 As visitas guiadas que acontecem mensalmente no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, apesar de populares e frequentadas, na atual conjuntura da morte ainda podem ser observadas com receio. Há quem argumente o caráter mórbido do local, e a tradição de que não deve ser visitado sem algum motivo que tenha ligação direta com a morte de um conhecido ou parente. O costume de visitar os cemitérios com frequência não é mais tão disseminado quanto era décadas atrás. Ainda em 2019, visitar o cemitério é coisa de “gótico” e só é perfeitamente aceitável em Dia de Finados.

A falta de interesse no que fazer diante de um falecimento priva de saber sobre a sala repleta de caixões, seus valores e que, inclusive, tem até o que custa R\$ 23 mil. Este, o mais caro, não saiu nenhuma vez, enquanto seu vizinho que custa 18 mil já

encontrou três compradores em dez anos. Dentre os modelos é possível encontrar os desenhados na tampa, talhados, cheios de detalhes dourados e internamente almofadados, com a premissa de um conforto maior para quem se deitar ali. Os cortejos, tão luxuosos e duradouros de antigamente, deram lugar a uma cerimônia curta, com caixões padronizados e tudo com hora marcada. É como se a morte não pudesse atrapalhar a vida, o progresso, o trabalho. Vida e morte se confrontam quando um cemitério – tal como o Municipal São Francisco de Paula, com seu muro tantas vezes aumentado, suas árvores e chão de paralelepípedos – divide espaço com o tráfego intenso das ruas da cidade.

O tempo não para quando, nos velórios atuais, o morto fica sozinho durante toda a madrugada (isso se “pernoita” sendo velado) enquanto seus vivos vão para casa dormir e descansar, para terminar o ritual na manhã seguinte, revigorados. Não que o falecido esteja em condições de reclamar. As coisas mudaram, o mundo mudou e não há nada de errado com isso. A morte é, agora, recalcada, desagradável e pode cortar as asas de uma vida imbatível. A pior das consequências seja no filme de terror ou no cotidiano, pela finitude. O Lord Voldemort dos assuntos tradicionais. O motivo do Sinal da Cruz e da mudança de assunto para aliviar o clima. A lembrança de que nossa carne também é orgânica.

Mas, assim como a vida, ela não vai parar por causa disso.

as visitas guiadas

Saí, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

47

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*

“Eu não sei nada do cemitério, quem sabe é a Clarissa, a menina que anda por aí e tudo”. Maria Ferreira da Silva, na casa dos 70 anos, dona de uma das floriculturas do cemitério, precisa de pelo menos cinco minutos de confiança para dizer o que sabe. Nos detalhes, demonstra que nada passa despercebido pelos seus olhos, como brigas em velórios, familiares piadistas e, claro, o grupo que se reúne para conhecer o local. Maria pode

não entender muito bem como funciona a dinâmica das visitas guiadas, que desde 2011 são comuns por ali, mas sabe que a proposta faz sucesso.

As inscrições para as visitas guiadas começam na segunda-feira anterior ao evento. Os participantes ficam atentos com os avisos prévios publicados na página oficial do Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Ninguém quer perder seu lugar no grupo e a procura é alta. As visitas noturnas são as mais requisitadas, com vagas que esgotam em três minutos; as temáticas e tradicionais não possuem esse *boom*, mas fecham as vagas antes do dia da visita chegar.

48

No dia dela, aos poucos o grupo começa a se formar na entrada da Praça João Sotó Maior, no bairro São Francisco, em Curitiba. A aglomeração acontece quase em frente ao portão do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, próximo ao portal “Cristo e Anjos”, do artista ítalo-curitibano Franco Giglio. A logística do ponto de encontro se refere a um respeitoso distanciamento das capelas do cemitério. São três, sendo duas dispostas ao lado direito do portal e uma ao lado esquerdo. Entre o portal e as capelas, a cabine da Guarda Municipal e três floriculturas fazem o meio de campo. Descendo as escadas, bancos são dispostos em frente ao Serviço Funerário Municipal.



Crédito: Paulo Berbeka Cleto, 2019

Legenda:

1. Capela
2. Capela
3. Floricultura
4. Floricultura
5. Guarda Municipal
6. Capela
7. Floricultura
8. Serviço Funerário Municipal/Departamento de Serviços Especiais da Prefeitura de Curitiba
9. Serviço Funerário Municipal (atendimento às famílias)

Cerca de dez minutos antes do início da visita guiada, um rosto conhecido chega ao local. A campineira-curitibana Clarissa Grassi, 42 anos, pesquisadora de arte tumular, bacharel em Relações Públicas e, que vira noites pesquisando o que for preciso, é a guia do passeio. Alta, grande, com cabelos enca-

racolados castanho escuro na altura do ombro, a líder das visitas guiadas “tem presença”, como se dizia. Nos sábados em que tem encontro marcado com os grupos, sente-se bem mais à vontade. Usa tênis, óculos escuros e o inseparável alto falante. Nessas horas, nem pensar sair de fininho e acender um cigarro – dependência com a qual se digladia faz anos. A figurinha carimbada do cemitério é cumprimentada mesmo pelos que não a conheciam, mas acharam incrível ligar a fotografia com a pessoa. Afinal, ouvir seu nome e ver seu rosto não é mistério, visto as inúmeras entrevistas dadas e palestras feitas com ela. Grassi é a fonte oficial quando o “Municipal” entra em pauta. No feriado de Finados, então, faz hora extra.

50

A comunicadora social formada pela Universidade Federal do Paraná, teve de lidar desde criança com a morte. O marco se deu quando perdeu a avó, Clara, e acompanhou todo o processo, desde o adoecimento até velório e sepultamento. A paixão por cemitérios existia desde a infância, na cidade de Campinas, quando uma Clarissa ainda de chiquinhas passeava por horas descobrindo o local. Para ela, era uma maneira de sair do barulho das cidades, e ia quando dava na telha: se estava feliz, triste, brava... não importava.

A oportunidade de lidar com os espaços mortuários nasceu indiretamente, quando começou a trabalhar como relações públicas e teve de fazer comunicação institucional para um cemitério particular. O interesse pelo tema era visto como exótico e até estranho pelos conhecidos. Junto do olho desconfiado vieram as piadinhas de salão e os apelidos clássicos, como

“noiva cadáver”, “namorada do Chucky” e “guria do cemitério”. Mas não são problema, ela lida com naturalidade. Quando ouve um chiste desse qualquer, ri com gosto; ninguém confronta sua excelência no assunto. Com um bom humor incomparável, une essa despreensão a sua personalidade expansiva, disposta a ensinar e que leva a informação de maneira simples e direta para quem a ouve. A “RP dos mortos”, outro de seus títulos, consegue manter facilmente uma conversa por mais de meia hora sem parar sobre qualquer assunto, desde bandas de Metal dos anos 70 até a previsão do tempo.



Sem delongas, às 9 horas de sábado, a visita precisa começar. Dependendo das capelas ocupadas e do andamento dos velórios, a guia concentra seu grupo de um lado do ponto inicial, na praça em frente. Clarissa começa contando sua trajetória e como as visitas se deram, sem falar diretamente os detalhes dos perrengues que enfrentou para chegar até ali. Quando a sós, ela explica com pingos nos is a sua saga desde a produção dos livros sobre o cemitério, o mestrado em Sociologia, a efetivação do emprego na Prefeitura Municipal de Curitiba até chegar, em 2019, finalmente, no posto de diretora do Departamento de Serviços Especiais, como ela mesma diz, chefe de quem cuida dos seus “mortinhos”.

51

Mesmo que cada volta pelo cemitério se repita no ritual mensal, a guia vê nas quadras e ruas mais uma chance de

aprender o que ainda não sabe. Até mesmo caminhando com o grupo atento, consegue encontrar algum detalhe que dará pano para a manga. Durante a visita temática sobre epitáfios – os escritos deixados nos túmulos –, Clarissa não lê somente os dados que anotou no seu celular. Ela organiza, mas também improvisa. Quando questionada se nessas listas há um túmulo favorito, nega. Para ela, é injusto escolher um dentre todos. É quase como perguntar para uma mãe se há um filho favorito.

52

Os trajetos são pensados para que ninguém disperse ou canse durante a caminhada. Caso canse, rapidamente pode encontrar os bancos de madeira no meio do cemitério, em praças arborizadas. As melhores escolhas vão sendo lapidadas conforme mais visitas vão acontecendo. Um ou outro não tem tanta paciência assim para as três horas de visita, sendo que um terço desse tempo é de palestra, um passo inicial para que ninguém entre no cemitério sem saber onde está pisando. Clarissa não culpa os que não se agradam tanto assim com a proposta. Ela sabe que os expedientes precisam ser aprimorados, caminhos precisam ser revistos, literalmente falando. A cada ano, as visitas recebem novos rumos, novos temas e novas montagens conforme os *insights* da idealizadora

“Semana que vem é Dia do Jornalista. Por que não fazer?”

Foi assim que aconteceu, em abril de 2019, uma visita guiada sobre jornalistas e escritores. Garanti minha vaga para esse dia. Fica mais claro ainda que os temas atraem conforme con-

vém ao público; há quem participe também por resolução de luto, curiosidade em entender a si mesmo ou para refletir sobre as relações com a morte. Nada passa por alto para Clarissa: ela, que já fez parte das comemorações do *Dia de Los Muertos* no México (o momento era a Disney dela, brincadeira que aceita numa boa), sabe bem identificar os detalhes que tornam a morte um caminho não tão escuro assim. Um beija-flor descuidado acabou atropelando o guarda-chuva usado pelo meu namorado, Paulo Berbeka, num dia de sol na visita. Grassi, de prontidão, respondeu: “Isso significa que um mortinho seu veio avisar que está tudo bem.” Todos adoraram.

A experiência para falar do cemitério não fica apenas ali dentro. É necessário entender também o que traz os visitantes até ali. Com a dúvida em mente, dois questionários foram feitos e aplicados online, perguntando os impactos da visita, o que o participante mais gostou e a relação dele com o espaço. A recepção foi boa, com mais de 300 respostas somando as duas pesquisas, além de inúmeros desejos de “boa sorte” e “boa pesquisa” no final dos formulários. Um deles obteve resposta de que, quem vem, costuma voltar e, se não volta, repassa positivamente o que gostou. A maioria dos visitantes que costumam aparecer nessas ocasiões faz o passeio pela primeira vez e sem a menor ideia do que vai acontecer. Uns quebram tabus, outros fazem companhia para um amigo, mas todos com o mesmo sentimento: a curiosidade.

O que te traz ao cemitério?

Se a fé move montanhas, a curiosidade move o ser humano. Numa pesquisa realizada para entender o que levava os visitantes ao cemitério, a maioria dos 308 respondentes disse que foi ao passeio para sanar a curiosidade. Sentimentos que variam de superação de preconceitos sobre o espaço até aquela pergunta de “por que não ir?”, também fazem parte do hall de justificativas dos presentes. Cemitérios como o Père-Lachaise na França e o da Recoleta na Argentina, que atraem pessoas do mundo todo que desejam conhecer mais sobre a estrutura das necrópoles, servem de parâmetro para a visita ao Municipal curitibano; quem quer se admirar com tipologia tumular sem precisar atravessar o oceano, tem programa garantido.

54

No Cemitério Municipal São Francisco de Paula, quem ouve falar das visitas aparece para saber mais da história dos falecidos e da própria Curitiba, que cresceu junto desse campo santo. Histórias que vão desde os populares ervateiros e políticos até figuras “comuns” cativam quem passa por ali. A trajetória de figuras como representantes da Sociedade Beneficente 13 de maio, instituição fundada em 1888 por ex-escravos recém-libertos após a Lei Áurea, marca a resistência negra; a de Marianna Coelho, explica como ela, precursora do feminismo no Brasil, elevou o movimento. Dentre tantas histórias, também se pode visitar o túmulo de Hugo Cini, das bebidas Cini, da famosa Gengibirra, delícia regional que os paranaenses conhecem tão bem.

Em questão de minutos, os formulários aplicados online contavam com dezenas de respostas. Os frequentadores das visitas mostram que não são ativos apenas na caminhada, mas sim no que se diz a respeito ao passeio. Além de inúmeros desejos de “boa pesquisa”, o pessoal deixou contato e quis ver esse trabalho aqui, hoje materializado, publicado.

Como numa conversa de amigos, quem respondia, sobretudo as mulheres, marcando presença em mais de 70% das respostas, contou um pouquinho da parte que mais gostou na visita. Se pudéssemos fazer um mural com as palavras mais usadas, poderíamos colocar: história, arte, arquitetura, Curitiba e, também, Clarissa.

A visita é vista como uma atração turística para os visitantes. Ver capivara no Barigui, andar no ônibus verde de turismo e almoçar em Santa Felicidade entram no mesmo patamar de conhecer a pequena “cidade dos mortos”. Para o público, é um consenso: você sai do cemitério e aprende sobre a metrópole. Você olha para um predinho e entende que a arquitetura dos vivos perdura no lote cemiterial. Se deparar com nome de rua, então, é fazer uma viagem na fala de Clarissa Grassi e relembrar a história do falecido que recebeu a homenagem.

Esses são pequenos efeitos causados pela visita. Outro deles é contar para todo mundo. Brincadeiras a parte, mas o “telefone-sem-fio” é o que mais instiga as inscrições. Luciana Fernandes, uma das visitantes, só ia em cemitérios em último caso. O lugar, sinônimo de arrepios, mudou de tom após participar da visita com uma amiga. “Ela me mostrou que o cemité-

rio tem muita história”, contou, sendo mais uma que divulga o projeto e convida outros receosos. Falando em história, quem contou um pouco da própria experiência não deixou de lado as personalidades favoritas: Enedina Alves Marques, a primeira mulher a se formar em engenharia no Paraná e a primeira engenheira negra do Brasil; e o Barão do Serro Azul, político e ervateiro paranaense, assassinado em 1894 na Serra do Mar, ganharam o coração dos visitantes.

56

A estrutura da visita é pensada para ser didática a qualquer pessoa, de qualquer faixa etária, independente da classe social. Mesmo que o maior público seja da galera jovem-adulta, dos 21 aos 40 anos, as crianças roubam a cena quando visitam. Elas se tornam as “ajudantes” de Clarissa, que torna a visita ainda mais lúdica com a presença dos pequenos. Desde o papel das velas até a participação do cristianismo na construção da cultura da morte, com direito a caras e bocas para ambientar os presentes às épocas, Clarissa explica passo a passo, literalmente, o papel do cemitério na cidade. Os olhares atentos e a autoridade da guia no assunto são elementos que complementam a ideia. A satisfação com o passeio se mostra com a salva de palmas, sem aviso prévio, que a condutora da visita recebe, isso sem contar o sucesso da iniciativa e os comentários positivos na página oficial da visitação.

Diante das pesquisas com o público, a impressão é que o cemitério era como aquela pessoa que, na primeira impressão, não vamos com a cara por ela parecer desagradável. Por ironia do destino, a pessoa se torna sua amiga e vocês não sabem

como aquela impressão existiu. Não que a pessoa visite o cemitério diariamente, mas há quem comece a visitar outros por conta das visitas guiadas, e a relação com o espaço muda.

“Ver o cemitério como fonte histórica me abriu a mente para as imensas possibilidades de construção de memória da cidade e necessidade de proteção ao patrimônio.”

(Resposta de Karin Joaquim – pesquisa de público)

O impacto é certo. Quem participa, leva no bolso alguma informação apreendida. O cemitério se torna um espaço que vai além da visão de morte e luto. O público, receptivo e mente aberta para entender o que mais o cemitério pode mostrar, ouve atento. Mais do que a preparação de passar filtro solar e colocar roupas confortáveis, o pessoal se prepara para algo que ainda não conhece.

57

★★

Nas visitas-padrão, a primeira parada é o local onde devotos deixam seus pedidos, agradecimentos e preces mais desesperadas: o túmulo de Maria Bueno, milagreira curitibana que recebe dezenas de homenagens de quem recebeu graças. Os burburinhos entre os pares surgem elogiando a beleza da fé e lamentando o sentimento de impotência, quando ouvem que a morte da lavadeira é um feminicídio mal resolvido, sem muitos detalhes ou questionamentos. Maria foi morta por um homem, a quem não

se chega num consenso se era namorado ou não, no final do século 19. Cortou-lhe uma veia do pescoço, ao saber que na noite anterior ela foi a uma festa na Sociedade Beneficente Operária. Ele era soldado.

Depois, contorna-se a primeira grande quadra, com corredores que se tornam largos e estreitos sem nenhum padrão específico, com o grupo repleto de olhares curiosos. O olhar se torna mais atento nas visitas noturnas quando, guiados pelas lanternas, os participantes descobrem o local da mesma forma que na visita tradicional, mas com o toque misterioso e típico de filme.

58

Conforme a caminhada, mais histórias vão surgindo. Logo nas quadras iniciais, o túmulo da família Meissner chama a atenção: há uma estátua de uma menina, com flores no vestidinho. A criança é Luci, que, numa traquinagem inocente, colheu flores do jardim recém-feito de sua mãe, colocou na barra do vestido e foi feliz da vida levá-las aos pais. Diante da atitude de “derreter o coração”, os pais nem sequer repreenderam a menina. Não passou muito tempo e Luci adoeceu e morreu, em 1895. Meses depois, em uma viagem à Europa, o pai dela mandou fazer uma estátua representando a menina com o vestido da barra florida. A cena ficou eternizada.

Outras estátuas, como a de Jesus com os “pequeninos” ou nos braços da Virgem Maria, fazem parte do conjunto de túmulos. Há até em tamanho real, como a de Pierino Riva, que morreu aos 21 anos e ganhou homenagem em bronze. Por ser filho único, a morte assolou ainda mais a família. O pai, José,

fez questão de ir à Itália para encomendar a escultura, feita pelo artista Alberto Bazzoni.

Outra maneira de mostrar a saudade de quem se foi são os epitáfios, aquelas mensagens que não visam contar a história de quem morreu, mas sim o que aquela morte fez sentir. O clássico “saudades eternas” é o mais usado, mas os versos de Santo Agostinho e o Salmo 23, ou 22 em outras versões da Bíblia – “O Senhor é meu pastor”, também são bastante utilizados. Já o poeta Emiliano Perneta expõe a dor da saudade após a perda da mãe, Christina, falecida em 1886. A mensagem diz, na íntegra:

**“Aqui, debaixo desta fria lousa, aqui, ó minha mãe junto do
teu, o meu ferido coração repousa, mudo e gelado como quem
morreu.”**

59

Assemelha-se a outros, do começo do século 20, que registram “tributo de amor conjugal” e até mesmo um que diz que quem está sepultado ali foi assassinado. Quando não há palavras, os objetos falam. Depois da cruz das almas, na parte mais “nova” do cemitério encontra-se um jazigo com ladrilhos vermelho e preto. A morada eterna ali é de um atleticano apaixonado pelo rubro-negro paranaense. Há, também, túmulos como do compositor Augusto Stresser (1871-1918), que possui uma placa simbolizando seu amor pela música.

Cada um com seu pesar. Assim permanece a lembrança dos que se foram.

² Grafia utilizada para a palavra “mãe”.

Durante o trajeto, o silêncio se faz necessário para uma experiência agradável a todos, mas calar não é uma regra inquebrável; pode-se perguntar, apontar ou contar algo, sem represálias. O formato interativo permite que o espaço seja melhor aproveitado e desmistificado, podendo sanar a curiosidade ali mesmo.

De janeiro até julho de 2019, mais de mil pessoas haviam participado das visitas. A disseminação agora é mais fácil com as redes sociais, principalmente pelo Facebook, no qual a visitação possui até página própria. Nela, além do calendário completo, há fotos que registram cada turma que passou por lá, na frente do túmulo favorito do grupo.

60

No número total de visitantes, contabilizamos a educadora Macleise Araújo, parte de uma turma especial. As visitas guiadas fazem parte de catálogos educativos por meio da Prefeitura Municipal de Curitiba. Macleise, em específico, estava na Semana Pedagógica da Prefeitura quando passeou pelo Cemitério Municipal São Francisco de Paula, junto com outros educadores. Enquanto caminhava pelas ruas despadroneadas da “cidade dos mortos”, viu todo o seu conhecimento de Ensino Religioso ser reinventado e revigorado. Outras turmas como de guardas municipais, políticos, profissionais da saúde e outros funcionários públicos também fazem *check-in* no local. A visita, para esses profissionais, funciona ainda mais como uma maneira de capacitação e aprendizado sobre uma Curitiba do tempo em que muitos nem sequer tinham nascido. Ah, é claro que os grupos não ficam de fora da tradicional foto de fim de *tour*.

Histórias não faltam durante a visita. Depois dela, nem se fala. Não tem nada a ver com assombração, fantasma ou qualquer ser sobrenatural, mas sim com um despertar pessoal em quem participa. Andressa Busmeyer, pedagoga, foi até procurar o túmulo da família, diante da inspiração após a visita; Mariane Baggio, química, faz questão de passear por cemitérios toda vez que viaja; Pedro Macedo, estudante de Jornalismo, participou da visita para uma matéria da faculdade e saiu de lá sabendo que até no cemitério há divisão social – o lado dos ricos e o dos pobres; a maioria que respondeu à pesquisa cita como ponto alto descobrir a história de Curitiba e ser levado diretamente, década por década, e ver cada pedaço da explicação da Clarissa se reinventar nos corredores.

Além do objetivo de mostrar que não há nada sobrenatural no cemitério e desmistificar a figura sombria do ambiente, outra função das visitas guiadas é ensinar. O cemitério público mais antigo de Curitiba é responsável por colaborar com a maneira de repensar a morte e o morrer. As certezas podem ser confrontadas a cada quadra, quando o novo, mesmo em túmulos com mais de 50 anos, é apresentado. A cultura ocidental e os ciclos arquitetônicos podem ser reparados em cada túmulo, conforme os ícones utilizados nas imagens, pequenos adornos e estátuas.

É possível ver a cidade antiga de Curitiba ir se revelando até chegar ao estilo mais contemporâneo dos túmulos verticalizados, que representam, assim, a tendência de prédios na parte “dos vivos” da capital paranaense.



Chiquinho:
o gato preto
de Dona Maria



A paisagem
vista da janela
de Clarissa
Grassi

O que se vê
da Cruz das
Almas



Um pouco
das visitas
guiadas





O muro de Maria Bueno é repleto de agradecimentos

Alguns túmulos levam grafia do final do século 18 e início do 19



Os corredores não seguem um padrão



Detalhe da esfinge que fica na pirâmide da Família Glasser



Representação
de luto pelo
ornamento



Os mausoléus
e sua aparência
de casa



Jesus no colo de
Maria, a religião
no Cemitério



Lamentação na arte

o cemitério municipal são francisco de paula

A gente morre é para provar que viveu.

Guimarães Rosa

69

Pesquisar sobre a morte é estar disposto a entrar em diálogo com autores como o essencial Philippe Ariès, o sociólogo americano Richard Sennett – ícone quando se trata do indivíduo na construção do meio urbano; o sociólogo alemão Norbert Elias e também figuras como a pesquisadora paranaense Cassiana Lícia de Lacerda, aposentada no setor de Letras da Universidade Federal do Paraná, referência em simbolismo e *expert* em historiografia do Paraná Tradicional. Ela é assertiva, após os cumprimentos, manda um:

— Você leu meu boletim? Sem ele, não adianta me entrevistar.

O boletim que a pesquisadora se refere é o *Cemitério Municipal São Francisco de Paula: monumento e documento*, informativo da Casa Romário Martins, de 1995. Foi um dos passos iniciais para a pesquisa da necrópole. O local, com toda certeza, tem muito para contar. Afinal, são mais de 92 mil mortos em 5.743 túmulos, dispostos em 51.414 metros quadrados numa grande quadra no bairro São Francisco. Só o número de mortos é capaz de superar mais de 90% das cidades brasileiras, que contam com menos de 100 mil habitantes, como informa o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os túmulos refletem a condição social e financeira de seus donos, além de, claro, o momento histórico em que foram construídos.

70

A pequena cidade dos mortos conta com uma organização impecável: há uma divisão por bairros, nomeada por Clarissa Grassi, tendo informalmente o Centro Histórico, Batel (bairro elegante de Curitiba), Bairro Urbanizado e a Periferia, que são compostos por tipologias tumulares em comum e, também, pelo que podem representar, socialmente falando. O Batel, por exemplo, ostenta os túmulos mais ricos, vindos de erivateiros, políticos e influenciadores. A Periferia representa um momento mais contemporâneo, com túmulos verticalizados e sem esbanjar. A forma que o túmulo é construído mostra as tendências decorativas de cada época; as decorações tumulares também sofrem mutação, assim como as casas da cidade. O Cemitério Municipal São Francisco de Paula é uma mescla de estilos. O período *eclético*, popular até os anos 30, pode representar bem o “Municipal”. Os túmulos eram marcados por

ornatações e objetos decorativos copiados de várias épocas, como a greco-romana. Ou invocam a religião e o cristianismo, com cruzeiros, anjos e elementos que representam as virtudes teológicas (fé, esperança e caridade). Cúpulas, colunas e desenhos florais fazem parte dessas construções, vistas nos túmulos mais monumentais do local. Conforme o tempo passa, o estilo neocolonial vem com tudo, buscando uma identidade brasileira, com arcos, beirando o barroco e alvenarias texturizadas. Passando pela art déco, alguns exemplares mostram as características volumosas, até de dois andares, com janelas e aberturas. Há também os indicativos do modernismo, que visava uma arquitetura funcional. Torcia-se o nariz para os enfeites. Mesmo os túmulos modernistas em essência serem poucos por ali, a racionalidade que une forma e função se reflete nos túmulos contemporâneos, verticais.

71

Atualmente, os adornos não estão em alta. É mais comum ver apenas cruzeiros e, no máximo, placas com nome do morto e um “saudades eternas”, *minimal art*. Os revestimentos, sobretudo, indicam quais as tendências arquitetônicas da cidade dos vivos. Sendo assim, se a tendência nos anos 2000 era porcelanato na cozinha de casa, *voilà!* pode esperar que alguém vai querer revestir o túmulo assim, para desespero dos estetas. Os prédios que caracterizam uma cidade moderna se expressam nos túmulos verticalizados, mais simples e menos adornados. Ninguém sabe como lâmpadas de LED ainda não chegaram por lá, talvez as cores não combinem com o cemitério. Os tons mais escuros e fechados, como o laranja tijolo unido ao roxo escuro

presente nas paredes dos cemitérios municipais de Curitiba, trazem a sensação de intimidade com o espaço e, claro, do luto.

A estrutura do local conta hoje com três capelas (chamadas de Fraternidade Curitibana, São Miguel das Almas e Jesus Ressuscitado) e inúmeros quadros nas paredes do cemitério, no corredor em que ficam as capelas, com versículos ou poemas que visam acalantar os corações dos que ficaram. Até chegar no que se vê hoje nas necrópoles e nos costumes atuais da morte, muita coisa aconteceu. Foram anos até de fato criar o cemitério, convencer a população da necessidade de utilizar o espaço, estender o terreno e deixá-lo como exemplo para outras construções na cidade. Apesar da Carta Régia disposta no começo de 1800, só 50 anos depois a cidade de Curitiba cumpriu o que foi pedido no documento e deu início ao modelo de enterro visto agora.

Do pequeno cemitério com cercas de madeira até o grandioso ponto histórico, muita pedra rolou. Cassiana Lacerda bate nessa tecla inúmeras vezes, mas não culpa essa guinada nos costumes. A questão da pressa, da correria do dia a dia, ajudou a morte a ser invisibilizada, acessada apenas na hora que um dos nossos se vai. Sendo assim, visitar o cemitério acabou restrito a, no máximo, o Dia de Finados.

– A falta de convívio gerou um afastamento. A contemporaneidade exigiu um distanciamento da morte porque ela trava a vida. Tem que ser tudo rápido, assim como a cremação.

A pesquisadora provoca com a pergunta: “onde foram parar os santinhos de papel que eram feitos em homenagem aos

mortos?” Hoje são encarados como relíquia, há quem possa chamar até de brega.

– São ciclos. Não será mais igual antes, mas é possível se adaptar.

Para Cassiana, o que deve ser feito agora é conscientizar sobre o papel cultural e histórico do Cemitério Municipal. Não é culpa das pessoas o distanciamento, inconsciente, da morte, mas é uma escolha não querer conhecer nada sobre o tema.

Há também os que não saibam quem está enterrado ali. Histórias como a da violinista Bianca Bianchi (1904-2002) passam em branco. A artista ascendeu na música após a irmã, musicista, Maurina Bianchi, falecer e seus pais colocarem também Bianca em aula de música, como uma homenagem e lembrança. Assim se formou uma das maiores violinistas paranaenses, que ganhou até um instituto de música com seu nome. A trajetória de Enedina Alves Marques (1913-1981), querida dos visitantes, primeira mulher a se formar em engenharia no estado, pela UFPR, e a primeira engenheira negra do Brasil, também é relembrada no cemitério. Multiplique essas histórias por mil – é o que basta para entender o fascínio que as visitas provocam. São epifanias com gente que viveu bem perto de todos nós, não raro na mesma rua da cidade dos vivos.

73

O enterro *ad sanctos*, o higienismo e uma nova era

Foi em 1º de dezembro de 1854 que o recém-instituído presidente da Província, Zacarias de Góes e Vasconcellos, fundou o

Cemitério Municipal São Francisco de Paula. A necessidade de criar um espaço para enterrar os mortos se deu após um surto de varíola na cidade e a contaminação que podia vir nos enterros *ad sanctos*. Foi só quando, aproveitando o ditado, a corda apertou, que alguma providência foi tomada.

O primeiro cemitério público na província, assim como outros cemitérios do Brasil, não foi muito comemorado na época pelos cerca de 16 mil curitibanos que viviam na cidade, dado populacional apontado pelo viajante francês Saint Hilaire, que visitou as províncias do sul do país e documentou sua experiência. O costume de enterrar nas igrejas curitibanas estava firme e forte, predominante em quatro delas: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas e Igreja de São Francisco de Paula. Apesar da ligação direta do costume de sepultar com a busca da salvação das almas, uma discussão acerca da saúde pública surgiu. Um surto de varíola se fez presente nos séculos 18 e 19 e o enterro nas igrejas podia ser extremamente contagioso. O discurso higienista chegou com tudo em terras brasileiras. Basta dizer que São Paulo tem um bairro chamado Higienópolis.

Para ter direito a um enterro nas igrejas curitibanas, não bastava apenas querer. O processo era bem mais fácil se o indivíduo fizesse parte de uma **irmandade**, espécie de grupos restritos que indicavam seu status social e econômico. As irmandades eram detentoras dos terrenos de enterramento nas igrejas e todos os trâmites necessários para um cortejo digno de palmas.

Mas não era tão simples assim ser membro de uma delas. Os grupos tinham critérios próprios que determinavam quem poderia fazer parte, assim como as ordens dentro da sociedade e valores instituídos. A Igreja Matriz, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, a Capela São Francisco de Paula e a Capela de Nossa Senhora do Rosário possuíam irmandades próprias, sendo a última capela destinada exclusivamente para negros, visto que as irmandades brancas segregavam racialmente as participações.

O primeiro registro oficial sobre a necessidade de criação de um cemitério em Curitiba se deu em 1829. O pessoal da Câmara não estava tão preocupado com questões relacionadas à saúde na pequena província, mas sim com a pressão da discussão higienista que estava acontecendo nos decretos imperiais havia um ano. Apesar disso, o assunto só foi retomado em 1830, sendo adiado mais algumas vezes até que em 1838 a obra começou a ganhar mais atenção.

Mas, adivinhe: só depois de 12 anos, em 1850, as coisas começaram a andar. A dificuldade em começar a construção era sempre justificada com falta de fundos e também de necessidade, já que os chamados “bexiguentos” poderiam muito bem ser enterrados no Cemitério Sítio do Mato, o primeiro e específico para quem morria de varíola. Até que sob supervisão de Benedito Enéas de Paula, em 1854, enfim as obras do cemitério começaram num terreno obtido pela Câmara. Cinco meses depois, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula estava pronto. As informações podem ser encontradas no livro Tombo

da Matriz, do bispo diocesano dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, de 1882. O documento possui uma parte específica tratando da abertura do cemitério. São fontes como essa que Clarissa Grassi destrinchou para suas pesquisas e traduziu num enredo que conta a história da necrópole mais antiga de Curitiba. O enredo faz parte de seu livro *Memento Mortuorum* (2016).

O bairro São Francisco

76

Apesar de parecer um assunto tranquilo, demorou para o Brasil e, mais especificamente Curitiba, finalizar os enterros *ad sanctos*. Ninguém queria cogitar a ideia de ter seus “direitos celestiais” barrados. Mesmo com a inauguração do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em 1º de dezembro de 1854, somente em setembro do ano seguinte o primeiro sepultamento foi realizado. Delfina Antonia de San Paio, viúva de 86 anos, inaugurou o primeiro cemitério público curitibano. Abriu, assim, a porta para novos sepultamentos, aumentando pouco a pouco o fluxo de enterros por ali.

Localizado na Praça Padre João Sotto Maior, no Bairro São Francisco, o endereço tinha um motivo. Além de o cemitério ser um terreno que, segundo consta nos documentos oficiais, era a “chácara do Padre Agostinho”, vigário em atuação na época, localizava-se num ponto alto da cidade. O espaço permitia uma visão de todo o Centro, visto que ficava a 963 metros, em linha reta, do Marco Zero – a atual Praça Tiradentes e sede da

Igreja Matriz. A crença de que, pela altura, a grande difusão de ventos existia foi essencial para a decisão, visto que se acreditava que os miasmas liberados pelo corpo humano poderiam se dissipar nessas condições, e ventilar poderia ser, de certa forma, uma decisão mais sábia, higienicamente falando.

O bairro São Francisco – germânico na suas origens – abriga pontos que agradam os matutinos e os notívagos. As principais baladas curitibanas ficam no seu perímetro, assim como a frequentada rua que conta com seu mesmo nome, parceira da Rua Trajano Reis. É o *point* dos alternativos, os curitibanos que ouvem A Banda Mais bonita da Cidade. Quem prefere um passeio mais família pode frequentar a Feirinha do Largo da Ordem, com dezenas de barraquinhas com artesanatos, relíquias antigas, sebos ao ar livre, pastel com caldo de cana e música ao vivo feita pelos artistas de rua. Guarda também, ao lado do cemitério, a Pista do Gaúcho, pioneira para os skatistas, onde tráfico de drogas e sorvetes em família convivem pacificamente.

77

O pequeno vizinho dos bairros Centro, Mercês, Bom Retiro e Centro Cívico é grandioso na sua história. Parte do Centro Histórico de Curitiba, mesmo que seus ambientes sejam em maioria estabelecimentos culturais e comerciais, ainda é possível notar algumas casinhas espalhadas espaçosamente por ali e alguns prédios residenciais que podem ser classificados como nanicos, se comparados aos arranha-céus de outras regiões. Al-

guns dos estabelecimentos preservam a arquitetura original, do século 20, com influências ora alemãs, ora portuguesas. O Centro Histórico foi, no início da pequena vila que deu origem à grande capital que vemos hoje, responsável por uma das principais vias de entrada, visto que os viajantes poderiam chegar pela Rua Claudino dos Santos/Jaime Reis quando vinham pelo hoje típico bairro italiano Santa Felicidade.

O São Francisco é quase um museu a céu aberto, para quem deseja conhecer mais sobre a Curitiba de antigamente e se envolver na mensagem cultural que o lugar proporciona. É curioso pensar que o bairro é superfrequentedo, menos no seu, literalmente, ponto mais alto, visto que o cemitério não é tão propriamente adequado quanto as baladas. O Cemitério Municipal São Francisco de Paula faz parte do conjunto e, assim como o bairro, reflete a história de Curitiba. Uma verdadeira necrópole no velhinho bairro São Francisco.

78

A história vai além da cerca

Num primeiro momento no século 19, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula possuía uma cerca de madeira, num perímetro inicial de 143 x 63 metros. As coisas mudaram, a área se estendeu, as quadras foram crescendo e os sepultamentos avançando. Nem seu nome era o mesmo; anteriormente, o local era conhecido como Cemitério Público de Curitiba, sendo legalmente nomeado pelo que conhecemos hoje somente em 1958, junto com regras mais formais sobre

enterros, concessão de terrenos e exumação de cadáveres. Até 2019, a necrópole acompanhou o crescimento da capital paraense e as principais mudanças arquitetônicas que vinham junto dela.

Provocada pelo sentimento público de desagrado com o estado de abandono do cemitério, Clarissa Grassi ficou ainda mais inspirada a começar seus estudos sobre o local. Pegou sua câmera e saiu fotografando os túmulos e detalhes que mais chamaram a sua atenção. Não bastava apenas fotografar e descobrir quem estava enterrado ali: saber a pedra usada, o significado de cada adorno e as origens que motivaram aquela construção são peças chave da sua pesquisa. As descobertas de Clarissa eram como infindáveis portas visto que, quando ela descobre uma coisa, mais dez vêm juntas. Foi a partir da sua curiosidade que se tornou um ícone e quase um GPS para o que for preciso encontrar dentro do cemitério.

79

Montou um time. Contou com consultoria em Pesquisa Histórica de Deborah Agulham Carvalho, em Arquitetura de Fábio Domingos Batista e em Geologia de Antonio Liccardo. Foi assim, em equipe, que reinventou o que se vê no local. Além de gastar horas em cima de documentos antigos e testar sua resistência a poeira, Clarissa atuou como “salva-vidas” diversas vezes. Primeiro, curou dados que poderiam ser perdidos com o tempo ou ignorados, como números de sepultamentos antigos. Depois, foi a salvadora de vários túmulos históricos, que possuíam elementos arquitetônicos que remetiam, com primor, a épocas passadas e ajudavam a formar o conjunto total. Prestes

a serem revertidos para a prefeitura, poderiam ter sido demolidos. Com o sufoco descobriu, assim como num trabalho de Sherlock Holmes, onde estavam os responsáveis por aqueles espaços.

Em momentos como esse, a pesquisadora suspira quando fala, demonstrando, num olhar, a paixão pelo que faz. No dia em que contou tal saga, estava empolgada porque minutos depois daria a notícia para uma senhorinha de que sua preocupação estava sanada: o túmulo da sua família é um dos que serão tombados dentro do conjunto do cemitério. Um alívio para a idosa que, meses antes, ofereceu o local de descanso eterno para Clarissa, porque sabia que ela cuidaria bem do que tanto valia sentimentalmente para si. Tinha medo que ninguém mais cuidasse.

80

No começo do cemitério, os primeiros “moradores” que chegaram por lá antes do século 20, descansam nos seus túmulos individuais. Enterrar somente um se tornou essencial após o fim dos enterros coletivos nas igrejas; era uma época de individualizar quem morreu, trazer uma identidade para seu local de descanso eterno. As primeiras 20 quadras se dividem: o lado esquerdo é de Centro Urbanizado e o direito de Centro Histórico. Nessa segunda área, as chamadas Estelas e Oratórios são vistas até de longe, apontando sua existência toda trabalhada em mármore, de preferência com alguma figura que represente o cristianismo ou as virtudes teológicas. Os quadradinhos, chamados de sepulturas, são a maioria nos dois lados e preservam detalhes típicos do século 19. Nessa área, Clarissa salva, com

frequência, um túmulo ou outro porque, mesmo com a família não preservando, a importância do jazigo continua.

A concessão dos túmulos nos quatro cemitérios municipais da Capital (São Francisco de Paula, Água Verde, Boqueirão e Santa Cândida) mantém uma regra clara: se é seu, cuide. Ter um terreno no cemitério dá o direito de enterrar quem quiser e é de uso perpétuo, desde que seja feita a manutenção daquela sepultura. Quando o túmulo fica em ruína, sem conservação, a Prefeitura Municipal de Curitiba publica num jornal de grande circulação sobre a necessidade dos concessionários de arrumarem o local. Caso ninguém se manifeste, a prefeitura concede o lote para o próximo da lista de espera. Este deve ser morador de Curitiba e não ter outro terreno em algum cemitério municipal. Quando concedido, o novo dono deve pagar as taxas necessárias, demolir o túmulo antigo, recolher a ossada existente e limpar o terreno. Todo esse processo tem tempo para acontecer: 120 dias. Não é uma aquisição rápida, é preciso ter paciência.

81

As reversões mais recentes, em 2019, aconteceram nos cemitérios Santa Cândida e Boqueirão, sendo o primeiro o maior da capital paranaense. As novas inscrições para concessão estão suspensas até que todos das listas anteriores serem contemplados. Ao andar pelo Cemitério Municipal São Francisco de Paula, encontram-se vários túmulos que aguardam seus donos, com recados pendurados avisando sobre o risco de perda do espaço. Há papéis que, mesmo encapados com plástico, já se desfazem de tanto esperar um retorno.

Continuando a caminhada, explorando o lado direito, encontramos a “Santa municipal” Maria Bueno, e sua vizinha Eunice, que morreu ainda criança por meningite, e também realiza pequenos milagres para quem crê. Um pouco para frente, um descontentamento quase cômico pode ser visto num dos túmulos em que constava o nome do patriarca, da matriarca e de seus filhos; o detalhe é que os descendentes ainda estavam vivos, mas com nome e profissão já marcados na sepultura, só aguardando a última lacuna a ser preenchida. Tempos depois, os nomes foram apagados e só ficaram lá os de quem já havia morrido, mesmo. No corredor, o lado esquerdo dá boas vindas: não é preciso estar muito atento para se deparar com a alegoria no túmulo da tradicional família Canet, típica dos cemitérios paulistas, que retrata todo o sofrimento do luto, através da escultura de bronze de uma mulher com longos cabelos debruçada no jazigo.

82

Os detalhes das esculturas e adornos podem revelar a descendência do falecido e seus apegos à religião ou alguma crença. Mesmo com as quadras e ruas que mudam de largura, a necrópole segue um padrão arquitetônico que desenha a história curitibana. Falando em desenho, história e Curitiba, Key Imaguire Junior é um dos arquitetos mais procurados quando o assunto é patrimônio. Sua casa, no arborizado bairro das Mercês, vizinho do bairro São Francisco, é repleta de objetos que dão leveza ao ambiente e demonstram sua paixão por cultura e viagens. Ele e sua mulher, a também arquiteta Marialba Imaguire, não deixam de conhecer os cemitérios dos lugares que vão, porque, para o arquiteto, dizem muito sobre uma cidade.

Apesar de cada lugar ter sua história, a dinâmica arquitetônica dos túmulos é evidente. Ao falar do Cemitério Municipal de Curitiba, Key não deixa de observar e explicar com gestos como o local cresce: nas primeiras quadras, há capelas e enterros individuais, enquanto ao fundo, o moderno toma conta. Ele brinca, mas não discorda da própria piada, numa autoironia à aversão que sente por certas modernidades:

– A pessoa não mora em prédio quando tá viva, mas mora depois de morta.

Os “predinhos”, apelido cômico para os túmulos verticalizados, capazes de servirem até para mais de quatro mortos, fazem parte da tendência atual de sepultamento. Isso se reflete na Curitiba que modernizou e urbanizou, tendo que repensar sobre novas formas de ocupar espaços e, principalmente, maneiras de levar praticidade para as construções. Nesse momento, a estética não é mais tão adornada quanto nas fases antigas. Sabe o ditado “não precisa ser bonito, precisa ser útil”? Pois é.

Se a tendência vertical explora seus destaques no máximo com cruzeiros, revestimentos do momento e placas trabalhadas, no “Batel” do Cemitério São Francisco de Paula isso seria pouco. O Batel dos vivos, conhecido por ser o bairro mais tradicional de Curitiba, ainda sede de mansões de famílias abastadas e sede do shopping “chique” da cidade – o Pátio Batel, endereço das lojas Prada e Louis Vuitton –, é refletido no Batel dos mortos. Não ficando atrás do xará, o local conta com construções espaçosas e que chamam a atenção pela arquitetura maior que muito apartamento do Centro. São túmulos com cara de pala-

cete. Os mausoléus, com terrenos que chegam a mais de 100 metros quadrados, demonstram a grandeza e o *status* de ervateiros, políticos e personalidades que não quiseram fazer de sua morada eterna algo imperceptível.

Localizados principalmente ao lado esquerdo do cemitério, não deixam de mostrar sua imponente, sobretudo por pertencerem a famílias tradicionais do estado e com alguma influência, como os políticos Erasto Gaertner e Vicente Machado; os intelectuais Victor Ferreira do Amaral e Julia Wanderley; e os ervateiros Ivo Abreu Leão e Ascânio Miró – todos ilustres da primeira metade do século 19 à primeira metade do século 20. Dos 163 mausoléus presentes no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, 98 ficam no Batel, deixando o bairro nobre com mais obras de arte (como uma escultura em bronze feita na Itália) e divisão social clara.

84

Os mausoléus possuem uma dinâmica diferente de enterro, por serem jazigos de grande profundidade. Quando colocada no lugar, a pedra retirada para o enterro transforma o local numa grande sala que permite aos parentes organizar o espaço como bem preferirem. Nessa área encontramos também o último exemplar de túmulo paranista, representante de um movimento que, da mesma forma que apareceu, acabou – devido ao modernismo. O paranismo veio no período de 1920 a 1930, com uma vontade incessante de mostrar a identidade paranaense. O que simbolizava esse movimento era o pinheiro, a pinha, o mate e a paisagem, representados em fachadas das casas na região central, no último túmulo e também nas famosas calçadas de *petit pavê*.

A dinâmica muda a partir do túmulo da Família Hauer, clã imigrante alemão que chegou a ser dono de 40% da cidade. É um dos que mais chamam a atenção, devido ao seu magnífico portal que transmite a ideia de “passei de uma vida para outra”. A periferia, última área de ampliação do cemitério, começa a dar as caras. Apesar da predominância dos “predinhos” indicados por Key, vê-se um jazigo capela (aquele com porta e um altar pequeno dentro, bem menor que um mausoléu) ou os volumosos jazigos monumentos, que investem em obras de arte que fogem da ideia sacra. Nessa área, o enterro de mais de um indivíduo fica evidente, com gavetas expostas e que sobem até quatro “andares” de cada lado, podendo guardar oito falecidos no espaço. Passeando por ali, encontramos o local de descanso da dupla de música de raiz Nhô Belarmino & Nhá Gabriela (do sucesso nacional “As mocinhas da cidade”) e dos artistas plásticos Alfredo Andersen – norueguês que ostenta o título de “pai da pintura paranaense” – e a modernista Violeta Franco, para citar dois.

85

Ao todo, sete referências arquitetônicas estão espalhadas na necrópole. Cada uma demonstra a Curitiba que lidava com a morte de formas diferentes e temporais; desde a forma mais exuberante, com a morte adornada, até o que vemos hoje, de uma maneira mais discreta e prática.

Cabem oito embaixo da pedra pesada

“Eu tenho medo é dos vivos” é uma fala unânime entre os funcionários do Cemitério Municipal São Francisco de Paula,

acostumados com o ambiente. Entre eles, o silêncio só existe na hora de atender alguma família enlutada ou alguma situação semelhante. Fora disso, o clima é contagiante, com planos para a folga, comentários sobre a novela e, claro, piadas prontas. O craque nisso e, “a pessoa mais legal que você encontra aqui”, nas suas próprias palavras, é Sebastião da Silva. Ele não conta diretamente a idade, mas se orgulha de ser o pedreiro mais antigo do local. Está na área desde os anos 1960, quando o cemitério mal havia completado o centenário.

Durante a entrevista, que aconteceu no setor administrativo, pergunta pro pessoal:

– Tem um café?

– Só chá de hibisco.

86

– Não conheço, em Ibaiti não dá essas coisas.

Após olhar meio desconfiado, aceita o chá. Está acostumado com o que conhece na cidade natal, a pequena paranaense Ibaiti, no chamado Norte Pioneiro, antiga região cafeeira. Depois de duas ou três piadas com algum fato que o distraiu durante as perguntas, responde que conhece o cemitério tanto quanto sua casa. Ao tirar o seu cartão do bolso, com uma foto de quando era jovem, explica que, caso precise, faz uns serviços por fora, como o recolhimento de restos mortais em outra cidade. Gaba-se que rodou o Brasil inteiro com seu Fiat Uno, carro que nunca o deixou na mão e o leva do litoral para a capital em pouquíssimo tempo. Ele insiste que eu fique com um cartão, vai que precisa.

Viu gente ir e vir, seja nos enterros ou na vida profissional e diz ter visto de tudo, menos assombração. Por coincidência,

conta que o caso mais curioso que viu foi uma briga por herança, ocorrido no Cemitério Municipal. O fuzuê foi feio. Aconteceu entre 2012 e 2019, ninguém sabe dizer ao certo. A questão é que um fazendeiro influente e rico morreu e, quando isso aconteceu, o velório virou palco para divisão de herança e discussões sobre quem merecia mais, quem merecia menos. O bate-boca piorou e a pancada não discriminou ninguém, colocando a família toda para separar, ou, na pior das hipóteses, bater. Rindo, os funcionários contam que foi coroa de flor para tudo quanto era lado, castiçal com vela, também. A situação cessou só quando a polícia chegou. O morto quase ficou sozinho, já que grande parte da família foi parar na delegacia.

Quando questionado sobre o que fez, Sebastião falou rindo:

– Ah, eu fiquei olhando, ué.

87

Não foi o único. Maria da Silva e Inês de Jesus, proprietárias das floriculturas da direita e da esquerda do portal, respectivamente, não tiraram o olho da discussão. Logo depois de contar “o causo”, Inês fala que, apesar de na maior parte do tempo o emprego ser tranquilo, o mercado das flores não anda bem. O costume de adornar com flores e garantir o vaso de crisântemos no cemitério perde força com o livre acesso que os mercados possuem em vender as plantas, ainda por um preço mais barato. A dengue é uma inimiga responsável por promover a adesão em massa das flores artificiais nos cemitérios. Para Inês, são 43 anos vendo as coisas mudarem e tendo que se adaptar. Mas, agora, a intenção é correr atrás da aposentadoria e trabalhar até onde der. A mulher de cabelos

clareados, magra e amante de tons cintilantes para sombrear os olhos, agora quer descansar.

De modo geral, os funcionários mais antigos precisam confiar nos “forasteiros”, como ainda se diz no Paraná, para conversar. Primeiro eles observam e até ousam perguntar o que se precisa. Quando a confiança vem, Maria, a senhora de cabelos curtos e esbranquiçados, e que não abre mão de um cobertor quentinho nas pernas, também fala o quanto é difícil viver das flores. Nem sempre foi assim. A venda já esteve lá em cima, mas, atualmente, está difícil. “Eu vou tentando até dar certo”, fala, enquanto olha atentamente, procurando seu gato, o Chiquinho. Ele é a sensação do local. Entra nas capelas, anda por todo cemitério e encara o lugar como se fosse seu. Tem dias que nem quer vir embora, de tanto que gosta. A relação é recíproca, o gato preto de dona Maria, que já teve vários felinos, sempre da mesma cor, ganha carinhos na cabeça por onde passa, distrai as crianças e consola os adultos.

88

Quando se desce as escadas e chega no Serviço Funerário Municipal, não se sabe o que esperar. Há momentos em que a pequena sala está com todas as mesas lotadas de representantes que perderam alguém. Há outros instantes em que não há ninguém. Ali o pessoal gosta mais de conversar. É o caso de Eunice Izaías, que vê na função de agente administrativa uma oportunidade de entender melhor sobre os processos que envolvem a morte e, claro, a vida, quando precisa lidar diretamente com famílias enlutadas. Consenso entre todos, ela também diz que acostumou com a função e não deixa mais a emoção ser pri-

mordial como antes. Na mesma hora que diz isso, explica que, ainda assim, tem coisas que a abalam. Quando chegam fichas de criança, por exemplo.

– Eu não posso me abalar, sabe? Tem coisas que mexem, mas eu não posso desmoronar. Alguém tem que fazer esse serviço.

Quando chega à casa, ajuda a neta a fazer doces para vender na escola, uma forma de distrair e deixar para lá o que viu e sentiu durante o expediente.

Os funcionários tornam o cemitério como a sala de casa. A entrevista com a administradora do cemitério, Rita de Cássia Buczak, foi feita na pequena praça que divide o Centro Histórico do “Batel”. O ambiente se tornou tão rotineiro que até quem vem visitar seus familiares é reconhecido pelos funcionários. Ela fala alto, gesticula, tem na casa dos 40 anos a energia dos 15. Só nessa entrevista, pelo menos quatro vezes Rita cumprimentou algum conhecido. Não pense que é apenas um tchauzinho: aqui todo mundo se reconhece pelo nome, ou, em outros casos, “também pela quadra”, como se brinca por lá.

Quando dizem que têm medo dos vivos, falam diretamente da violência urbana. Francisco de Paula (podem acreditar, o nome não é coincidência), já idoso, zelador e ajudante dos pedreiros do cemitério, diz que o que o preocupa não são as pessoas em situação de rua que dormem nos fundos do local, mas sim os “acordados”, que se escondem atrás das sepulturas e vez ou outra cometem algum delito. Com ele, nada de ruim aconteceu, mas não aconselha que se perambule por ali sem prestar

muita atenção. Além dos roubos, furtos de placas de bronze e esculturas também são comuns, pelo valor que as peças representam no mercado. Para os funcionários, o que acontece ali nesse quesito, também reflete a cidade. Dizem:

– Onde é que estamos seguros, na verdade?

Após o desabafo, Francisco convida para ver uma sepultura aberta, na Periferia. Ele guia até lá, com passos rápidos e corpo levemente franzino. O espaço em questão é o das irmãs da Divina Providência. Aguardava a vinda de mais uma freira que dedicou toda a sua vida ao claustro. Depois de retirar a pedra pesada, cerca de oito gavetas, quatro de cada lado, podem ser utilizadas. Diferente de seu Sebastião, ele não ganha mais conforme a dificuldade do serviço, já que seu contrato é direto com a Prefeitura de Curitiba e sua missão principal é manter o local em ordem. Ele é quem tira as garrafas de cerveja colocadas por alguém entre os túmulos. Na rotina de Francisco, cada dia é de um serviço: na segunda, retira as folhas de árvore e mantém a varredura impecável. Nos outros, alinha as necessidades do cemitério com seu tempo e assim vai.

Seu Sebastião conta que cada mausoléu, apesar do trabalho que lhe dá, o deixa feliz. É o tipo de construção mais cansativa, mas é a que mais rende, com preços que chegam a 600 reais. O valor do sepultamento é um dos obrigatórios que as famílias precisam desembolsar na hora do falecimento; o valor inicial é cerca de R\$ 95 e varia conforme a mão de obra que o serviço exige. Um dos maiores problemas para os pedreiros está sendo a mudança de massa corporal dos falecidos. Eles brincam que

agora a largura é devido à alimentação menos natural e logo vem o famoso bordão: “Na minha época não era assim”.

Em resumo, os mortos engordaram.

Verdadeiramente RP dos mortos

Para Clarissa Grassi, a graça da vida é o ciclo. Aquela coisa de ir e vir, de cair e levantar. Passou vários perrengues, como a não aprovação nas primeiras tentativas no mestrado e noites em claro para entregar suas pesquisas, para conseguir visibilidade a seus projetos. Além da determinação, uma outra característica a ajudou:

— Não que eu tenha a maior autoestima do mundo. Mas nunca permiti que ninguém duvidasse do meu conhecimento.

E conhecimento ela tem, sim senhor. É autora de três livros: *Um olhar... a arte no silêncio*, de 2006, em que aborda a arte tumular do Municipal por meio de fotografias; o *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula – arte e memória no espaço urbano*, de 2014, que conta sobre 99 personalidades que estão enterradas no “Municipal” a partir dos trajetos que a autora convida o leitor a participar. O mais novo livro é de 2016, chamado *Memento Mortuorum – Inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula*, no qual faz um apanhado sobre tudo que é preciso saber do local: tipos arquitetônicos, bairros, cultura da morte e nascimento dos cemitérios. Nessa obra há até um mapa do cemitério, separado por tipologias tumulares.

Além das obras, Clarissa é mestra em Sociologia pela UFPR e coleciona participações em seminários e grupos de pesquisa

cemiterial e, sobretudo, arte tumular. Foi presidente de uma gestão da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, a Abec. Para facilitar a vida de quem quer começar a entender mais sobre os temas, alimenta um site vinculado a seu segundo livro, interativo e que reproduz um pouco do que ela fala nas visitas guiadas. É uma referência: falou de morte, falou de Clarissa. Falou da vida que os mortos tinham, falou de Clarissa.

Clarissa se impõe firme diante de tudo que pesquisou. No grupo do Facebook “Antigamente em Curitiba”, é sempre a mencionada para dar o veredicto se a informação sobre o cemitério ou um de seus “mortinhos” que foi colocada ali está correta. De 2011 a 2016 fez as visitas guiadas de forma voluntária, sem nenhum vínculo empregatício. Nesse tempo, pesquisou ainda mais, fez livros, deu entrevista e, um dia, na gestão do prefeito Rafael Greca de Macedo, eleito em 2016, foi convidada para fazer parte da Fundação Cultural de Curitiba. A FCC, como se diz, é a secretaria da cultura do município, nacionalmente conhecida por sua excelência, em especial, no que diz respeito ao patrimônio histórico. Depois disso, Grassi foi aperfeiçoando ainda mais seu conhecimento, lapidando assim como as estátuas e alegorias que estudava.

Por muito tempo, virou a responsável pelos mortos do “São Francisco”. Em 2019, assumiu a direção do Departamento de Serviços Especiais da Prefeitura. Agora está a par dos 24 cemitérios da capital paranaense, das 1.409 mortes que acontecem por mês e de todas as confusões que ocorrem nesse meio tempo. Má conduta de funerária, liberação complicada de corpo, enterros de carentes e indigentes. Agora a resposta final é sempre

a dela. O trabalho pode ser prático, com decisões e processos, mas a sua consciência permanece: mesmo sendo corpos, são de pessoas, de alguém que viveu. Todo respeito e sensatez é necessário para tomar a melhor decisão.

A rotina mais cansativa não tira a empolgação com que ela conta sobre a nova função, afinal, nem sequer imaginou que chegaria onde está hoje. Sua mesa de trabalho é composta por vários objetos de caveirinha: caneca, caneta, bloquinho... as caveiras são suas companheiras inseparáveis. Dessa forma, dificilmente fica a sós com a sua vista, que mostra o cemitério inteiro, com Maria Bueno logo na frente. Toda hora alguém aparece entregando algum papel, perguntando ou contando alguma coisa.

Estando na função, pode lutar pela resolução de problemas que via anteriormente, mas não tinha poder de consertar. Isso vai desde coisas pequenas, como espaços maiores em fichas de descrição cemiterial até outras otimizações nos processos. Brinca:

– Agora, mais do que nunca, eu sou RP mesmo.

Antes era relações públicas dos mortos e hoje é tanto deles quanto dos vivos. No cargo, consegue ir atrás de interesses que valem para outras pessoas e classifica isso como recompensador, quando há famílias que mantêm um carinho e gratidão pela pesquisadora, quando salva túmulos ou resgata histórias.

Diz que não foi a morte que mudou sua vida, mas sim os mortos. Seguindo a linha dos colegas de trabalho, também faz piada com o assunto, dizendo que a morte não poderia mudar nada, já que elas ainda não se conhecem. Quando chegar a hora,

irá saber. A pergunta não cala e chega na entrevista: qual é a visão de morte de Clarissa Grassi?

Nessa hora, não há certeza que possa ser dita. A pesquisadora pega um pouco de cada religião e faz uma crença só dela, com suas definições e anseios. A finitude, para Clarissa, é difícil de ser pensada; deve ter algo depois, tem que haver, para ela. Essa vontade se justifica pela racionalidade que é dada ao ser humano conforme seu tempo no planeta. Soa estranho pensar que toda essa racionalidade acabe. Filósofa:

— Deve ser por isso que a gente acredite tanto. A morte é uma afronta à racionalidade humana.

Fecha o assunto. Olhamos para o relógio e passa das 17 horas. Batemos o final do expediente; Clarissa mostra mais uma vez sua paisagem que, num céu alaranjado de final de tarde, parece iluminar o conjunto de túmulos. Apesar de toda a paixão contida ali, precisa descansar.

É hora de ir para casa.

posfácio

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
— Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

97

Consoada, Manuel Bandeira

Estudar a cultura da morte e, mais especificamente os cemitérios, é estar disposto a abrir mão de traumas passados, certezas e permitir descobrir como tudo aquilo faz parte de uma construção temporal que varia conforme o local e a época. Desde

quando eu era criança até meus 18 anos, o medo de cemitérios me assombrava nos pesadelos mais recorrentes. Era sempre assim: um céu tom “laranja tijolo” (que, mais pra frente, descobri que tinha ligação com a cor das paredes do Cemitério do Boqueirão, na periferia de Curitiba, o mais próximo da minha casa). Um cenário de labirinto e eu perdida, vez ou outra participando de alguma celebração fúnebre. Só ia em cemitérios no Dia de Finados e pronto.

98

Com 8 anos descobri que a morte realmente existia, além dos filmes do *Rambo* que via com meus pais, quando meu avô me levou num velório. Mas só 10 anos depois eu e ela estivemos frente a frente, em 2016, quando minha melhor amiga morreu atropelada num acidente de trânsito. Foi a primeira vez que participei de toda a cerimônia de velório e sepultamento, do momento que ela chegou até o último tijolo ser colocado no seu túmulo, no Cemitério Água Verde. A partir daquele momento, meu primeiro luto foi cercado de dúvidas e contestações que fizeram com que eu frequentasse mais o cemitério, entrasse não mais com medo, mas com o objetivo de zelar por algo. A percepção ficou mais aguçada e, claro, a curiosidade também.

Eis que no meu segundo ano de faculdade, em 2017, precisei fazer uma crônica sobre o Cemitério Municipal São Francisco de Paula. A partir daí, não teve mais jeito: eu queria descobrir o que motivava tudo aquilo, quem eram as pessoas enterradas e o que aqueles “túmulos enfeitados e antigos” significavam. Comecei a participar das visitas guiadas e só meses depois come-

cei a ler livros sobre o assunto, indicados pelo jornalista e meu professor orientador José Carlos Fernandes, que também, por coincidência, tinha curiosidade sobre cultura da morte. Primeiro dei bom dia a americana Caitlin Doughty em *Confissões do crematório* (2014), no qual a jornalista conta sua rotina de trabalho e fantasia sua funerária perfeita. Em seguida, veio Philippe Ariès e fui apertando a mão de outros autores, até que a ideia de fazer um livro-reportagem sobre o Cemitério Municipal São Francisco de Paula e a cultura da morte nesse espaço pareceu necessária e um desafio empolgante.

Conhecer os aspectos sociais da morte e sua representação nas moradas eternas foi essencial para que eu me conhecesse novamente. Diante de um primeiro baque, a cada leitura descobria mais de mim e da cultura ocidental da morte, que tinha ligação com o imenso pesar que eu lidava no meu luto. Foram três anos de um processo que doeu e amenizou até que a inserção da morte na cultura ocidental ficasse clara para mim. O Cemitério Municipal e seus “mortinhos” me ensinaram a cada vez que fui lá, totalizando 11 visitas guiadas e mais, pelo menos, oito vezes indo atrás de informações. Isso sem contar os muitos passeios feitos para “distrair” antes do projeto do livro começar. Bato, facilmente, 50 horas de cemitério na bagagem durante o processo de produção.

Aprender que as cruzes que possuem desenhos internos representam alguma coisa para a família, que o material feito para revestir o túmulo pode indicar status e que há muita gente (que vontade de colocar um palavrão, mas vamos manter

a classe) espetacular ali — como os primeiros participantes da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, importante para a representatividade negra em Curitiba, a feminista Marianna Coelho (1857-1954) e o pintor Guido Viaro (1897-1971). Não distante, pude conhecer fontes que deixaram as coisas mais claras a respeito de arquitetura, patrimônio e sociologia, como a antropóloga Sandra Stoll, que deu um panorama atual sobre a inserção das redes sociais num velório prolongado e a resignificação da lembrança. O arquiteto Key Imaguire Junior e o historiador Marcelo Sutil trouxeram uma boa perspectiva sobre patrimônio, sendo Sutil no início do trabalho e Imaguire mais para frente. Os funcionários do cemitério e, principalmente, Clarissa Grassi, foram acolhedores e mostraram o porquê de o local ser tão vivo.

100

O pessoal não quer nem saber mais de tornar o cemitério como uma praça pública, assim como era no século 18, mas em compensação estão acendendo velas virtuais em sites em homenagem aos seus mortos. Entender essa transição é necessária para entender o papel dos cemitérios e da preservação histórica no perímetro urbano e, acima de tudo, o que seus adereços nos contam sobre a Curitiba vivida por tantos e por nós.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silveira, Larissa Nicolosi da

Morte e vida Curitiba [livro eletrônico] / Larissa Nicolosi da
Silveira. -- 2. ed. -- Curitiba : Ed. da Autora, 2020.

PDF

ISBN 978-65-00-07420-8

1. Arquitetura - História 2. Cemitérios 3. Cemitério Municipal
São Francisco de Paula - Curitiba (PR) 4. Livro-reportagem 5. Morte
- Aspectos sociais I. Título.

20-41842

CDD-306

Índices para catálogo sistemático:

1. Cemitério: Costumes : Aspectos sociais 306
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

morte e vida curitiba